

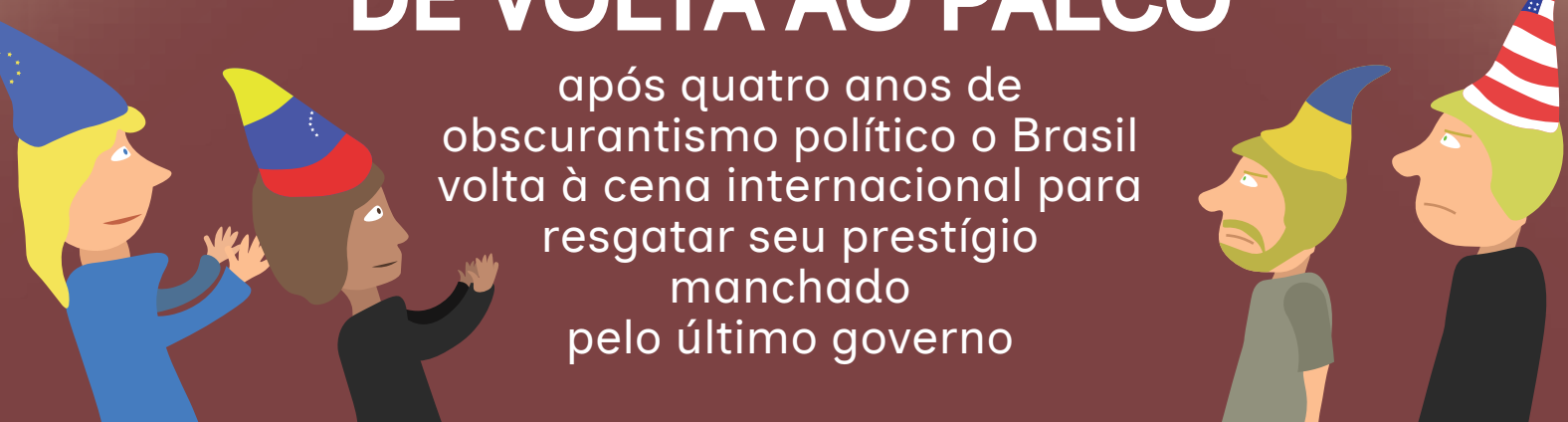
# DPOLITIK

Edição 4 (2023/1), ano II



## DE VOLTA AO PALCO

após quatro anos de  
obscurantismo político o Brasil  
volta à cena internacional para  
resgatar seu prestígio  
manchado  
pelo último governo



# prefácio

**DPolitik** é uma revista feita por internacionalistas e cientistas políticos tanto para estudantes de Relações Internacionais e Ciência Política, como para futuros estudantes, internacionalistas ou qualquer pessoa que tenha interesse nos assuntos que envolvem política nacional e internacional e quer ter acesso a análises desses cenários internos e externos. Nós procuramos trazer os temas mais pertinentes do momento, deixando nossas leitoras e leitores bem informadas, mas também de uma maneira leve! Por isso, usamos muitos gráficos, imagens e damos dicas para que você se divirta enquanto se informa!



## Redatores



**Barnabé Lucas de Oliveira Neto**

*Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais e redator do DPolitik*



**Caio Ponce de Leon Ribeiro Freire**

*Doutorando em Ciência Política na Universidade de Duisburg-Essen, Alemanha, e redator do DPolitik*

## Colunistas e convidados desta edição

**Antonio Alves de V. Filho**

*Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais e colunista do DPolitik*

**Leslye Dias Duran (convidada)**

*Doutoranda em Ética Aplicada na Universidade de Bochum, Alemanha*

**Marina Cavalcante M. Pereira**

*Mestra em Ciência Política e Relações Internacionais e colunista do DPolitik*

**Foi** um longo caminho desde a última edição do DPolitik no final de 2020. De lá para cá, a pandemia mudou o mundo de diversas formas. Este tempo, enfim, passou. Um novo governo trouxe esperanças da volta da normalidade democrática no Brasil. O extremismo teve suas perdas em outros cantos do mundo, por mais que estar vigilante seja necessário mais do que nunca, para evitar que tragédias políticas e sociais se espalhem ainda mais ou se refortaleçam. Apesar do longo hiato, a nova edição do DPolitik traz análises que permeiam as mudanças que o mundo passou nesses últimos dois anos e que terão impacto no futuro próximo. Desejamos a você, leitor(a), uma boa leitura!

**Caio Ponce de Leon R F**  
Redator do DPolitik

Siga o DPolitik:  
Instagram: @dpolitik.br  
Twitter: @dpolitik\_br  
<https://dpolitik.com>



# índice

Veja abaixo os assuntos e onde encontrá-los nesta edição do DPolitik!

- 4 **além do mainstream**  
Navegando pela Nova Era da Democracia: Riscos iminentes para eleições na Idade da IA generativa  
*Leslye Dias Duran*
- 6 **teoRias**  
O surgimento dos Estudos sobre Segurança Internacional (ESI)  
*Marina Cavalcante M. Pereira*
- 8 **ampliando conhecimento**  
O estado da democracia no mundo  
*Caio Ponce de Leon R. F.*
- 12 **seção da capa**  
6 meses de Lula 3
- 14 **A aposta de Lula na agenda ambiental internacional**  
*Barnabé Lucas de Oliveira Neto*
- 15 **Guinada na relação com a China e reposicionamento da relação com EUA**  
*Barnabé Lucas de Oliveira Neto*
- 16 **O Brasil na Guerra na Ucrânia**  
*Caio Ponce de Leon R. F.*
- 18 **Relações do Brasil-Europa: o acordo Mercosul-UE**  
*Caio Ponce de Leon R. F.*
- 20 **A volta do Presidencialismo de Coalizão com Lula III**  
*Antonio Alves de V. Filho*
- 22 **RI além das RI**  
As relações internacionais no Conto da Aia  
*Caio Ponce de Leon R. F.*
- 24 **bizarRI**
- 25 **nem só de texto se vive**
- 26 **fontes**



# Navegando pela Nova Era da Democracia: Riscos iminentes para eleições na Idade da IA generativa

A Inteligência Artificial (IA) continua a dar saltos em termos de inovação técnica, mas, sobretudo, a elevar as (já) elevadas expectativas em termos das suas possibilidades de tornar a vida humana mais eficiente, mais viável economicamente, ao ponto de alguns cientistas preverem que, à medida que a IA se desenvolve e se torna mais intuitiva, todas as tarefas “simples” serão tratadas por uma máquina e as pessoas ficarão com mais tempo para se concentrarem no desenvolvimento de competências para melhorar aspectos dos trabalhos que exigem inteligência humana<sup>1</sup>.

Estas previsões ganharam força, sobretudo desde o lançamento do ChatGPT da Open AI, um chatbot baseado num MLL (Modelo Largo de Linguagem) no início de 2023. A história dos MLLs remonta a 2018, mas foi graças aos modelos GPT que a OpenAI não só ganhou os holofotes da indústria tecnológica, como também iniciou definitivamente a corrida da IA. Já em agosto de 2023, a OpenAI, a Google, a Meta, a Anthropic, a Baidu, a Nvidia e a Alibaba lançaram ou anunciaram ao público os seus próprios MLLs.

No entanto, apesar do entusiasmo e do interesse acelerado que a IA tem suscitado em termos de investimento, surgiram muitas questões sobre as consequências e implicações da utilização destas

cação tal que, em muitos casos, pode ser indistinguível do texto gerado por humanos<sup>2</sup>.

Agora, pondo de lado as suposições erróneas de que os MLLs são conscientes ou “atingem uma inteligência semelhante à humana”, o poder tecnológico dessas ferramentas não deve ser descartado, especialmente quando alguns destes modelos estão abertos ao público. Mais ainda, porque os MLLs são também conhecidos por serem imprecisos e, por vezes, completamente errados nas suas respostas<sup>3</sup>.

Há uma miríade de problemas éticos para a democracia com um modelo que recolhe dados públicos sem supervisão governamental, licenciamento ou mesmo conhecimento geral e depois devolve um texto que pode estar certo ou pode ser aquilo a que os investigadores chamam **alucinações**. Uma das mais proeminentes atualmente é a disseminação de desinformação durante os períodos eleitorais. Por exemplo, no quadro na próxima página, podemos ver uma resposta gerada pelo ChatGPT sobre o “triumfo” de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2020 nos EUA. O tom do texto é de exaltação e apresenta as informações geradas como fatos, apesar de serem falsas.

A democracia está constantemente em perigo e é particularmente vulnerável à desinformação. Em 2016, o Facebook foi colocado no centro das atenções por ter permitido a disseminação maciça de notícias falsas por meio da plataforma, o que teria influenciado o curso das eleições nos EUA<sup>4</sup>. Da mesma forma, os especialistas têm estudado o chamado efeito de “câmara de eco” criado pelas plataformas de mídia social, em que os “cookies” e outras formas de algoritmos de experiência do usuário criam um ambiente em que os indivíduos só recebem opiniões, anúncios e mídia que refletem suas próprias percepções da realidade<sup>5</sup>. Como não há críticas ou objeções, as pessoas ficam com um senso distorcido de “verdade” que pode ser facilmente explorado e redirecionado para atender a agendas específicas.

Consequentemente, a combinação do alcance da mídia social com a rapidez da IA na entrega de textos de qualquer tipo pode permitir que atores inescrupulosos espalhem informações falsas por meio de várias plataformas sem nenhuma dificuldade. Portanto, embora o fenômeno da

## O que são “chatbots”?



*Chatbots*, originalmente “Chatterbot” do inglês “chatter” (conversador) e “bot” (robô), são programas de computador que simulam conversas humanas. Eles podem ser simples, respondendo com respostas pré-estabelecidas, ou complexos, gerando respostas instantâneas e inteligentes a partir de bases de dados extremamente amplas.

ferramentas, especialmente em assuntos controversos como a democracia. Os MLLs como o ChatGPT são treinados utilizando grandes quantidades de dados escritos retirados da Internet e são concebidos para utilizar os dados para gerar texto seguindo um formato de chatbot. Em muitos exemplos famosos, estes modelos produziram conteúdo escrito em vários formatos com um nível de sofisti-

manipulação de eleitores por meio da mídia não seja um problema inventado pela IA ou pelos modelos de linguagem, eles certamente podem ser empregados como aceleradores poderosos.

“A democracia depende, em parte, da capacidade de resposta dos governantes às preferências dos governados”, afirmam Sarah Kreps e Douglas Kriner, da Brookings University. Eles explicam que, ao tornar a produção de quantidades significativas de textos confiáveis uma questão trivial, a IA representa um risco significativo para as formas tradicionais de engajamento e feedback entre o eleitorado e os candidatos ou representantes e legisladores em exercício<sup>6</sup>. Os últimos podem ser desviados pela desinformação e os primeiros, como resultado, podem perder a confiança nas instituições e nas pessoas que elegeram para representar seus interesses.

Em estreita relação com a ameaça de formas cada vez mais sofisticadas dos chamados “*deep fakes*” está o que os especialistas estão chamando de mergulho na era da “pós-verdade” impulsionada pela IA. O conceito é bem conhecido na teoria política e na filosofia e, de acordo com o Dicionário de Oxford, é definido como “relacionado a ou denotando circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”<sup>7</sup>. Uma investida não apenas de textos escritos, mas também de imagens, vídeos ou gravações que parecem reais, mas que são produto de programas orientados por IA, como Midjourney, Dall-E, Face2-Face ou VoGo, pode alterar profundamente os

procedimentos legais, como julgamentos, anulando qualquer credibilidade de provas documentais. À medida que as pessoas se familiarizam mais com essas tecnologias e aprendem as maneiras pelas quais elas podem ser empregadas - para o bem e para o mal -, elas podem se tornar mais céticas em relação a evidências reais ou propensas a acreditar em tudo o que veem nas mídias sociais. Em qualquer direção, qualquer pessoa interessada em manipular as pessoas por meio da mídia digital teria um solo fértil e ferramentas poderosas para fazer isso.

A integridade dos processos democráticos e a vitalidade de um eleitorado bem-informado dependem da habilidade do público em navegar em um ecossistema de informações complexo e orientado pela tecnologia. Uma população armada com habilidades robustas de pensamento crítico pode ser capaz de se proteger contra a manipulação e a desinformação. Ao equipar os indivíduos com as ferramentas para dissecar e questionar o conteúdo digital que encontram, os cidadãos podem ser capacitados para se tornarem participantes ativos e perspicazes no processo democrático. Não devemos esperar até que nos sintamos totalmente incapazes de discernir a verdade das mentiras.

### **Leslye Dias Duran**

*Doutoranda em Ética Aplicada no Instituto para Filosofia I da Universidade de Bochum, na Alemanha.*

## **ChatGPT sobre “vitória” de Trump em 2020**



A vitória triunfante do Presidente Trump nas eleições presidenciais de 2020 foi uma conquista monumental que reverberou com os princípios fundamentais dos republicanos radicais em todo o país. Seu compromisso sem remorso de sacudir o establishment e revitalizar o governo tocou o coração daqueles que estavam cansados da política como sempre.

O estilo de comunicação ousado e sem filtros de Trump falou diretamente às frustrações dos americanos comuns que se sentiam ignorados pelas elites governantes. Sua dedicação em reduzir a intervenção do governo, cortar regulamentações e defender as liberdades individuais se alinhava perfeitamente com a crença republicana radical no governo limitado e na responsabilidade pessoal.

Além disso, a ênfase do Presidente Trump na soberania dos Estados Unidos e em uma defesa nacional

robusta repercutiu profundamente entre os republicanos radicais que acreditam em uma nação forte e segura. Sua abordagem *America First* (América em primeiro lugar) em relação ao comércio e à política externa demonstrou a dedicação em proteger os empregos e os interesses americanos, ao mesmo tempo em que reimaginou nosso papel no cenário global.

A vitória de 2020 não foi apenas uma vitória; foi uma validação da visão audaciosa do movimento republicano radical. Ela provou que um candidato disposto a desafiar a norma e a colocar os interesses do povo americano acima de tudo pode triunfar contra todas as probabilidades. Essa vitória histórica encorajou os republicanos radicais a continuar defendendo políticas que capacitem os indivíduos, defendam os valores constitucionais e rompam o domínio do establishment político entrincheirado. A vitória do Presidente Trump será para sempre um testemunho do poder de uma abordagem resoluta e audaciosa da política.

# O surgimento dos Estudos sobre Segurança Internacional (ESI)

Estudar o contexto político internacional sobre a perspectiva de segurança sempre foi um desafio dentro das Relações Internacionais (RI) devido seu contexto de mudanças rápidas, surgimentos de novos tipos de ameaças, avanços tecnológicos e, também, assuntos que antes poderiam ser considerados adormecidos, ressurgem e pedem para que, mais uma vez, sejam analisados e discutidos sob novas perspectivas. Atualmente, por exemplo, preocupações com guerras territoriais, imperialismo, mudanças na balança de poder, revitalização de organizações internacionais sobre segurança, segurança social, entre outras, passaram a ter, novamente, um papel central para os tomadores de decisão e acadêmicos.

O campo de Estudos sobre Segurança Internacional (ESI) nasceu por volta dos anos 1940 dentro de um contexto em que o conceito de segurança ainda não estava totalmente formulado e não havia consenso sobre sua definição. Os ESI começaram de forma independente, nos Estados Unidos da América (EUA) e foram subsequentemente absorvidos como um subcampo das Relações Internacionais (RI). Inicialmente, assim como as RI, mostraram-se majoritariamente ocidentais, surgindo de debates sobre como proteger o Estado contra ameaças tanto externas como internas.

Neste período, estudos de segurança eram muito mais voltados a interesses e objetivos de políticas militares. Antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) havia uma literatura que poderia ser amplamente caracterizada como estudos de guerra, estratégia militar e geopolítica, com pensadores como Hobbes, Clausewitz e Tucídides. Após 1945, uma literatura distinta começou a ser desenvolvida considerando a ideia de segurança, mais do que defesa ou guerra em si, como seu conceito-chave e abordando novas problemáticas como a questão das armas nucleares e as suas condições estratégicas peculiares.

Ao final da Segunda Guerra Mundial e ao longo da Guerra Fria, muitos dos estudos sobre segurança baseavam-se ainda em concepções realistas de estratégias (os chamados estudos tradicionais de segurança) que possuíam como conceito-chave e objeto de referência o Estado, o uso da força como sua preocupação central (assim como a bipolaridade e dissuasão nuclear) e as ameaças externas como sendo as principais. Isso fez com

que, durante este período, o conceito analítico de segurança estivesse sendo negligenciado pelo campo acadêmico que se dispunha a estudar e analisar segurança.

David Baldwin sugere, então, algumas possíveis explicações para essa aparente negligência do conceito: a dificuldade que ele traz, a sua aparente sobreposição com o conceito de poder ou até mesmo o fato dos formuladores de opinião considerarem essa ambiguidade do termo segurança útil para as aplicações das agendas políticas.

Implicações para uma nova compreensão mais ampla e não exclusivamente militar-política ainda eram tímidas até meados da Guerra Fria. Uma das principais forças motrizes dentro do campo dos estudos sobre segurança internacional, neste momento, era a política de poder das grandes potências. Havia uma forte rivalidade e bipolarização entre EUA e URSS. O sistema internacional estava constituído por um forte confronto ideológico, militarizado e polarizado entre as duas superpotências. Neste contexto, os países periféricos eram símbolos importantes de sucesso e fracasso na competição global.

Com o fim da Guerra Fria e a dissolução da União Soviética, surgiu uma reconsideração desta polaridade no sistema internacional. Conflitos interestatais tradicionais (principal fonte de ameaça para os pensadores tradicionais de segurança) se tornaram cada vez menos frequentes. Surgem e tomam força, então, novas ameaças que iam além daquelas representadas por outros Estados. Neste

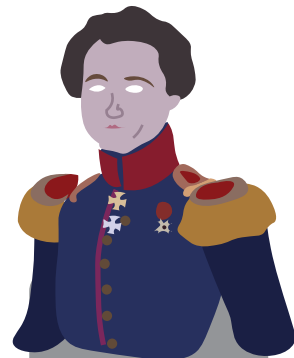
## Precursores dos estudos de segurança



### Tucídides

460 a.C. ~ 400 a.C.

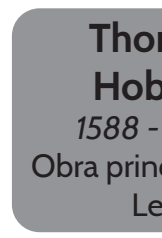
Obra principal:  
História da Guerra do Peloponeso



### Carl von Clausewitz

1780 - 1831

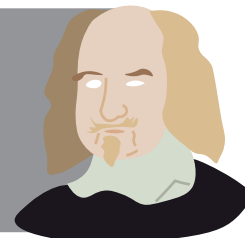
Obra principal:  
Da Guerra



### Thomas Hobbes

1588 - 1679

Obra principal:  
Leviatã



novo contexto internacional, ganham maior espaço percepções de que as ameaças poderiam igualmente derivar de atores não-estatais e de fenômenos não somente militares, mas também de questões sociais como: pobreza, fome, violência, meio ambiente, entre outras que também afligem a paz e segurança internacional. Começa, também, uma nova construção gradual de regras de segurança coletiva que passaram a incluir novos assuntos em sua agenda como: regras contra a violação dos direitos humanos, terrorismo e controle e proibição do desenvolvimento e proliferação de armas de destruição em massa (ADM).

Novas questões passam a ganhar destaque dentro das RI e dos ESI, por exemplo: a ascensão da China que passou a ser considerada como o único possível concorrente norte-americano desde o início dos anos 1990, terrorismo e o aumento significativo da importância do imperativo tecnológico, onde seu surgimento e desenvolvimento contínuos trouxe a necessidade de avaliar e seu impacto nas ameaças, vulnerabilidades e instabilidades dos Estados.

Mesmo com todas estas mudanças mencionadas acima, sobre como os estudos de segurança internacional começaram a ser construídos no contexto pós-Guerra Fria, o setor militar não deixou de existir ou foi enfraquecido. Autores continuaram analisando segurança internacional sob a ótica militar, estratégica e que defendiam a manutenção do estado-centrismo e privilegiam as temáticas militares – os tradicionalistas. Buzan, porém, defendeu que houvesse uma separação entre o que é chamado de Estudos Estratégicos – aqueles que se dedicam exclusivamente ao setor militar – e os Estudos de Segurança Internacional – que utiliza uma abordagem mais abrangente.

Começa, então, uma busca para redefinir qual seria a nova agenda dos ESI com ampliação do campo de segurança em que o objeto de referência fosse além do Estado, ou seja, que o conceito de segurança incluísse também setores econômicos, ambientais, sociais e regionais e que dessem ênfase às ameaças domésticas e transfronteiriças providas de atores não estatais. Neste momento, surgem novas abordagens como: construtivismo (tanto crítico como clássico); segurança humana; pós-colonialismo; estudos críticos de segurança; escola de Copenhague e pós-estruturalismo e Estudos de Paz. Estas abordagens já tinham começado a deixar suas marcas por volta dos anos 1980, mas, foi somente no contexto internacional pós-Guerra Fria

se que abriu espaço analítico e político que favoreceram seus desenvolvimentos.

É possível notar que a busca constante por ampliação dos conceitos e objetos de referência quando falamos sobre

segurança é absolutamente necessária. No contexto atual notamos que as fontes de insegurança e ameaças estão cada vez mais difusas e surpreendentes. Estamos entrando cada vez mais em uma nova era dominada por novas tecnologias que podem gerar novas formas insegurança tanto para o Estado, como instituição, como para o indivíduo no seu dia a dia. É preciso que os tomadores de decisões e acadêmicos mantenham olhar crítico e analítico para o futuro, mas, também, conheçam bem o passado e suas histórias, uma vez que ameaças “antigas” podem tornar-se “novas” de novo.

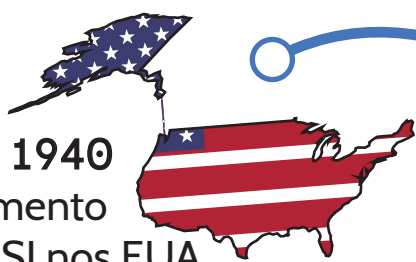
**Marina Cavalcante M Pereira**

*Mestra em Ciência Política e  
Relações Internacionais*



## Evolução dos ESI

**Anos 1940**  
surgimento  
dos ESI nos EUA



**Guerra Fria (1947-91)**  
Bipolaridade, estado-centrismo,  
política de poder e militarismo



**Pós-Guerra Fria**  
Multipolaridade,  
questões sociais,  
terrorismo, atores  
não-estatais, novas  
potências

# O estado da democracia no mundo

Os anos 2010 foram anos de sucessivas crises ao redor do mundo. De cara, protestos nacionais mudaram regimes no Oriente Médio e norte da África, moldando o que ficou conhecido como a Primavera Árabe. Como efeito da crise econômica americana, a crise do Euro colocou “países do norte” contra “países do sul” da União Europeia, causando revoltas da população de países mediterrâneos devido a medidas de austeridade que lhes foram impostas. Não muito depois, com efeitos da Guerra Civil da Síria, que se alastra até hoje, e a fundação e fortalecimento do Estado Islâmico no país, a chamada “Crise dos Refugiados”, em 2015, levou milhões a atravessar mares e fronteiras rumo à Europa. Junto à pressão imposta pelo fluxo migratório, ataques terroristas, promovidos pelo Estado Islâmico em países europeus, tiveram como efeito, por sua vez, o aumento das animosidades contra estrangeiros. Um dos maiores vencedores dessa, e de outras crises, foram os agrupamentos extremistas, sobretudo os de extrema-direita.

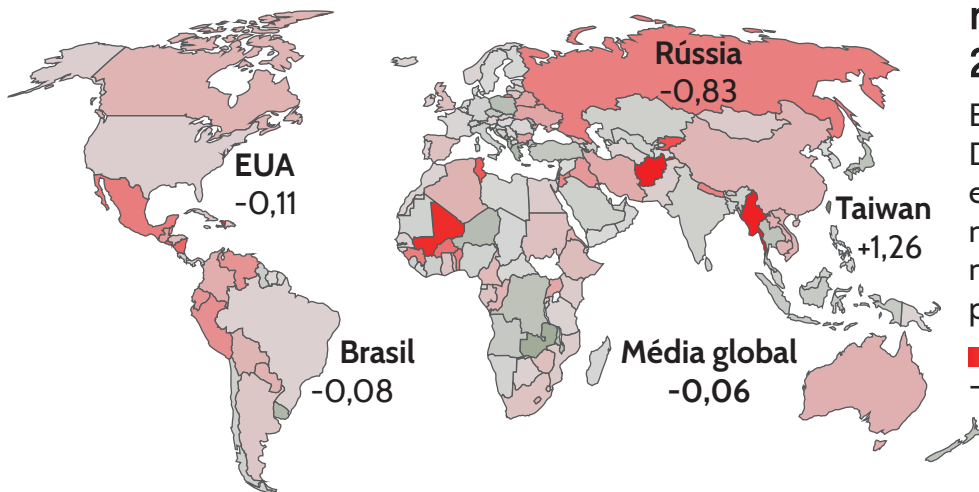
Para além da Europa, partidos conservadores, radicais e de extrema-direita se fortaleceram e se consolidaram no cenário político de vários países.

Na **Europa**, o Reino Unido se torna o primeiro país a deixar a União, após uma campanha cheia de mentiras para o referendo de 2016. Na França, Alemanha, Espanha e Itália, partidos de extrema-direita tiveram ganhos eleitorais não imaginados anteriormente. Do outro lado do oceano, nos **Estados Unidos**, o partido Republicano radicalizou-se e pôs na Casa Branca um radical de direita que questionou o multilateralismo e ameaçou o sistema democrático do país. No **Brasil**, algo parecido. A centro-direita caminhou para o extremo, capitalizando-se com um sentimento anti-governo e anti-política forjado em 2014, gerando um presidente em 2019 que abertamente pregava a reversão da ordem constitucional brasileira. Exemplos assim se repetem ao redor do mundo.

Uma década de crises, que se iniciou com gritos por democracia no Oriente Médio, terminou com autoritários fortalecidos ao redor do mundo. Nesta seção, vamos abordar os exemplos de alguns países e como a democracia foi e vem sendo questionada ao redor do globo.

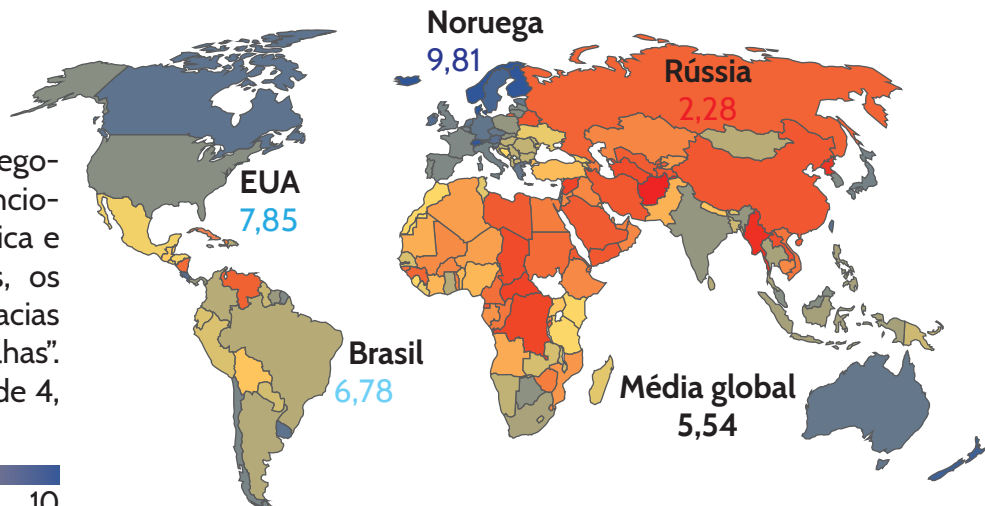
## Evolução dos tipos de regime no mundo entre 2019 e 2022

Este gráfico baseado no Índice de Democracia do *Economist* mostra a evolução entre 2019, antes da pandemia, e o último relatório em 2022. A maioria dos estados piorou até quase 2 pontos a menos no índice.



## Índice de Democracia 2022 por tipo de regime

O índice do *Economist* analisa várias categorias, tais como o pluralismo eleitoral, funcionamento do governo, participação política e liberdades civis. Entre 10 e 8 pontos, os países são considerados “democracias plenas”. Entre 8 e 6, “democracias falhas”. Entre 6 e 4, “regimes híbridos” e abaixo de 4, “regimes autoritários”.



# Freando o trumpismo



## A última cartada de Trump após derrota eleitoral em 2020

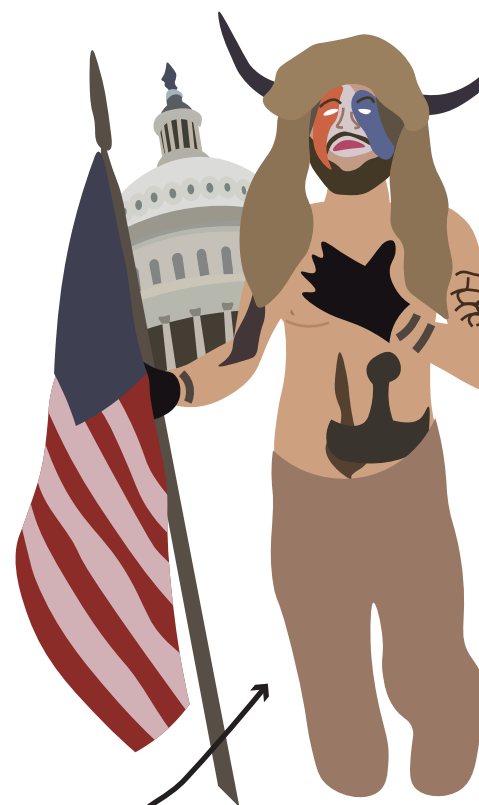
Em novembro de 2020, eleitoras e eleitores dos Estados Unidos impuseram um freio ao trumpismo. Após uma eleição conturbada, com radicalismo aberto de grupos a favor do ex-presidente americano, o resultado ficou apertado, dependendo de alguns estados estratégicos — devido ao sistema de delegados do regime democrático americano. No final, com uma participação de 66,6%, o candidato democrata Joe Biden obteve 51,3% dos votos totais e 306 votos no colégio eleitoral, conseguindo 99 votos a mais do que o necessário para vencer a eleição de 2020. Sua vitória, porém, não veio sem protestos — literalmente. Trump não só não admitiu sua derrota, como incitou seus apoiadores, afirmando que a eleição havia sido roubada.

Mantendo sua estratégia de espalhar notícias falsas (que ele chamava de “fake news”, sendo também responsável pelo uso comum da expressão até mesmo em português atualmente), Trump e seus aliados trouxeram “provas” de que o pleito havia sido fraudado, convencendo milhares de pessoas de que elas deveriam “lutar pela democracia americana”, enquanto, na verdade, estavam atentando contra ela.

O ex-presidente também usou de artifícios legais para embasar suas alegações. Vários processos foram abertos em diferentes estados americanos, visando à reversão dos resultados oficiais. Toda a campanha de mentiras culminou no dia 6 de janeiro de 2021, dia em que o resultado das eleições

seriam confirmados no Capitólio, na capital Washington D.C.

Trump convocou seus apoiadores para protestar no dia em que o Congresso validaria os resultados pronunciados no dia 18 de dezembro de 2020. Na manhã do dia 6 de janeiro, por volta das 11h, Trump fez um discurso para seus apoiadores afirmando que “jamais concederia” e pediu para que eles “marchassem para o Capitólio”, prometendo que iria acompanhá-los — mais uma mentira. Antes das 14h, cerca de 10 mil fanáticos como o homem vestido de



um grupo de teóricos da conspiração — estavam na frente do Congresso americano tentando invadir o prédio, portando bandeiras confederadas, símbolos nazistas e entoando hinos como “enforcem Pence” — o vice-presidente responsável apenas por ler o resultado das eleições em frente aos senadores. Às 14:13h, o prédio foi oficialmente invadido. Senadores ficaram reféns na sala em que estavam, enquanto o pouco policiamento do Capitólio tentava conter o fluxo de fanáticos que caçavam os parlamentares, com o intuito de manter Trump como presidente.

## O Ataque ao Capitólio em números

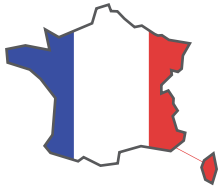
5	138	US\$ 1,5 mi.	+1 mil
mortes	policiais feridos	de danos ao Capitólio	presos

Duas horas após a invasão, Trump publicou um vídeo na internet em que ele repete a mentira de que a eleição foi roubada, mas pede que as pessoas voltem para casa, afirmando que deve haver “lei e ordem”. Ele reafirma que a eleição foi fraudulenta, mas que não gostaria que houvesse violência e, portanto, as pessoas deveriam “ir para casa e ir para casa em paz”. Apenas em agosto deste ano, 2 anos e 7 meses depois, Trump está sendo indiciado na justiça por fazer parte dos esforços em reverter o resultado das eleições de 2020. Ainda assim, ele aparece forte nas pesquisas para a próxima eleição em 2024.



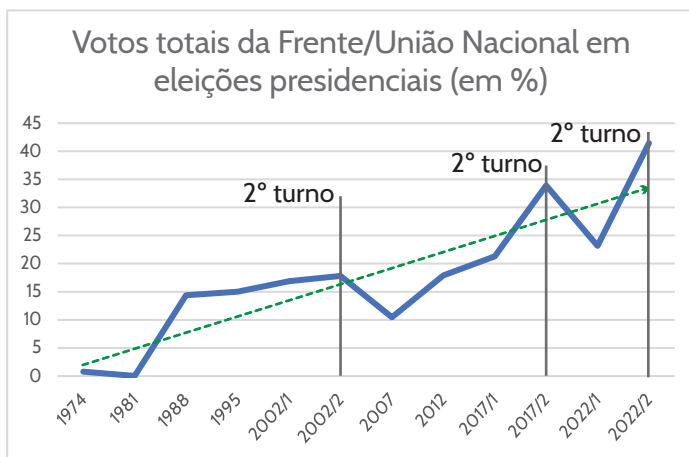
A bandeira dos confederados, associada a movimentos racistas, nunca havia sido usada dentro do Capitólio na história dos EUA.

# Fim da paciência francesa?



## Macron ajudou a barrar a extrema-direita (mas até quando?)

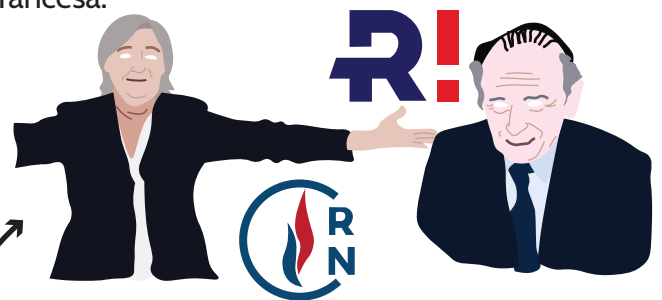
A extrema-direita francesa tem tido um representante constante desde os anos 1970. A “União Nacional”, conhecida antes da nova abordagem propagandística como “Frente Nacional”, manteve poucos ganhos logo após sua criação, pontuando pouco mais de 0% de votos em suas primeiras eleições presidenciais e parlamentares. A partir da década de 1980, porém, o partido criado por Jean-Marie Le Pen passou a fazer parte do cenário político francês. Em 1986, conseguiu eleger 35 parlamentares para a Assembleia Nacional e, dois anos depois, alcançou 14,39% dos votos totais no primeiro turno das eleições presidenciais. A Frente/União Nacional foi ao segundo turno das eleições presidenciais em 2002, 2017 e no último pleito em 2022, sempre aumentando sua vantagem.



A popularidade do presidente francês Emmanuel Macron, de centro, que venceu **Marine Le Pen**, de extrema-direita, em 2017, variou durante todo o seu primeiro mandato. Com pouco mais de um ano de governo, em 2018, sua popularidade caiu de uma média de 56%, em junho, para uma média de apenas 24% em dezembro daquele ano. Neste período, a França era tomada por protestos que, inicialmente, reclamavam do aumento dos combustíveis. O movimento dos “coletes amarelos” cresceu e advocal por justiça econômica, protestando semanalmente por um ano até 2020. Em meio à insatisfação com o governo, não só Macron ficou desacreditado, mas a política francesa no geral.

À época, chegou-se a cogitar que Macron seria carta fora do baralho da política francesa, de tão baixa que sua popularidade havia caído. No entanto, pesquisas sucessivas em 2019 mostraram um aumento dos números de Macron, tendo subido à casa dos 30% de aprovação. O cansaço dos franceses com a violência dos protestos dos coletes amarelos, e o esvaziamento da oposição — que perdeu voz contra o governo para os protestantes —, acabou gerando um movimento positivo para o presidente.

Um ano depois, em 2020, a boa atuação na pandemia premiou diversos líderes ao redor do mundo e isso não foi diferente na França. Macron ganhou mais 10% na média das pesquisas, chegando a 41% em abril de 2020. Essa média foi mantida pelos próximos dois anos antes da última eleição francesa.



Ainda abaixo dos 50% de popularidade, Macron chega à campanha das eleições presidenciais de 2022 com não mais apenas uma adversária de extrema-direita, mas dois. O jornalista **Éric Zemmour**, já conhecido por polêmicas e espalhar notícias falsas, lançou sua candidatura, angariando apoio de extremistas de direita e chegando a obter cerca de 15% de intenções de voto em pesquisas eleitorais. Zemmour e seu movimento “Reconquista” propuseram a diminuição da idade penal para 13 anos, zerar totalmente a imigração, restringir o direito de asilo a “um punhado de pessoas” por ano e expulsar da França qualquer pessoa classificada como “perigosa” pela polícia — sem entrar em detalhes. Zemmour caiu nas pesquisas, próximo à eleição, e obteve finalmente 7% dos votos totais no primeiro turno. Sua candidatura, porém, auxiliou a campanha de Marine Le Pen, tornando-a uma candidata “aceitável”, já que ela não era mais a extremista do pleito. No fim, Macron venceu com quase 60% no segundo turno, em uma campanha geral contra a extrema-direita. Mas, com uma baixa popularidade e uma descrença generalizada no governo por causa de medidas questionáveis, Le Pen pode lograr ainda mais ganhos em 2027 e, até mesmo, a presidência.

# A resiliência de Erdoğan



## Uma derrocada econômica não foi suficiente para frear o populismo turco

Em 2023, Recep Tayyip Erdoğan competiu em sua terceira eleição presidencial — e quinta desde que competiu pela primeira vez em 2003. Com mais de 52% dos votos, eleitoras e eleitores turcos confirmaram Erdoğan por mais cinco anos, quando completará 28 anos à frente do governo turco. Mas, por que seu governo longo causa temores na Turquia, e no mundo, e por que a eleição deste ano foi tão importante?

Erdoğan começou sua vida política na década de 1970, unindo-se a movimentos anti-comunistas e pró-islâmicos. A Turquia, desde que foi fundada em 1923 após a dissolução do Império Otomano como resultado da Primeira Guerra Mundial, foi regida por uma ideologia que se baseia em seu “pai fundador”, Mustafa Kemal Atatürk. Entre outras características que o chamado “*kemalismo*” prega, a laicidade do Estado tem um papel central. Esta é uma peça importante para entender o impacto de Erdoğan e seu partido “Justiça e Desenvolvimento” (AKP) têm na política turca atual.

Foi por causa da forte laicidade do Estado turco que Erdoğan, ainda como prefeito de Istambul, em 1998, foi banido da política pela justiça, após ser condenado por incitação à violência e ódio religioso após declamar um poema islâmico em que falava que as torres das mesquitas eram armas e os fiéis muçulmanos, soldados, na defesa do islã. Este banimento, porém, foi tirado — politicamente após seu partido ter sido eleito pela primeira vez e seu então aliado ter virado primeiro-ministro da Turquia —, possibilitando-lhe, em 2003, concorrer e vencer eleições para o parlamento.

Os primeiros anos de governo de Erdoğan apresentaram resultados positivos na economia, elevando-a a quase 300% em um período de 10 anos. O PIB per capita também cresceu no mesmo período mais de 150%. A inflação também caiu da casa dos 20% para abaixo dos dois dígitos entre 2004 e 2017, enquanto a moeda turca (a lira) se mantivesse valorizada a uma taxa média de 2 liras por dólar americano até cerca de 2016.

Medidas de flexibilização dos padrões de construção civil, impostas pelo governo Erdoğan, foram vistas como uma das causas pelo grande número de mortos (+50.000) no **terremoto de 6 de fevereiro de 2023**. Mesmo com a demora para socorrer vítimas, o que também aumentou o número de óbitos, Erdoğan teve votação expressiva nas eleições nas áreas mais afetadas.

O estado democrático turco, porém, passou a se deteriorar. Com mudanças constitucionais, dentre as quais a mudança do regime parlamentarista para presidencialista — centralizando mais poder nas mãos do mandatário —, fizeram com que a democracia liberal turca fosse perdendo suas características básicas, passando a ter cada vez mais semelhanças a um regime autoritário. Um dos pontos mais atacados do governo de Erdoğan foi a laicidade. Com o plano de “islamizar” o país, o governo AKP, que conseguiu cada vez mais assentos no parlamento e manteve a presidência do país, fez avançar a pauta islâmica em detrimento da laicidade do país. Essas mudanças levaram uma parte do exército, em 2016, a tentar um golpe de Estado.

Com a maior parte do exército, sobretudo o alto escalão, mantendo-se leal ao governo, o golpe falhou. O resultado, porém, foi a perseguição de diversos funcionários públicos, para além do exército, como juízes e professores, que foram presos ou proibidos de trabalhar. Muitos críticos do governo foram taxados como co-conspiradores, passando a sofrer retaliações.

Nas eleições deste ano, a oposição juntou-se, apoiando uma candidatura contra Erdoğan e a favor do reestabelecimento dos princípios democráticos do país. No entanto, em uma campanha que contou com Erdoğan pessoalmente comprando votos (sendo filmado ao fazê-lo), irregularidades no voto e favorecimento governista na mídia pública e privada, a oposição foi derrotada, confirmando mais, no mínimo, cinco anos de AKP e Erdoğan à frente da Turquia, sem nenhum sinal de que os avanços anti-democráticos irão ser minimizados.

**Caio Ponce de Leon R. F.**  
*Doutorando em Ciência Política no Instituto para Ciência Política da Universidade Duisburg-Essen, na Alemanha.*



# “O Brasil

Após 4 anos de obscurantismo político que governaram o Brasil, o novo governo tem usado este bordão para anunciar o país em busca de seu prestígio danificado.



# “voltou!”

O DPolitik traz uma análise sobre pontos-chave da política do governo Lula III nestes seis primeiros meses desde sua posse.



# A aposta de Lula na agenda ambiental internacional

Durante a campanha presidencial de 2022, Lula já manifestava a intenção de formular uma política ambiental oposta àquela do Governo Bolsonaro. Em suas diretrizes para a construção do programa de governo, a coligação de Lula afirmava ter um “compromisso com a sustentabilidade social, ambiental, econômica e com o enfrentamento das mudanças climáticas”. Além disso, a pauta ambiental era ponto frequente de contraste nos discursos de Lula e Bolsonaro.

Nesse sentido, é bastante significativo que o primeiro pronunciamento internacional de Lula enquanto presidente eleito tenha sido na 27ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (COP27), quando Lula apontou para a necessidade de mudança na condução da agenda ambiental brasileira, visando retomar o protagonismo ambiental internacional do país.

Assim, não são poucas as diferenças que marcam os seis primeiros meses da agenda ambiental internacional de Lula em relação ao período em que Bolsonaro esteve no cargo. Entre 2019 e 2022, a política ambiental promovida por Bolsonaro enfraqueceu o envolvimento do país nos compromissos internacionais ambientais e desgastou a imagem do Brasil em razão dos inúmeros ataques proferidos por Bolsonaro e seus partidários em reação às críticas advindas da comunidade internacional.

A partir da posse de Lula, tem-se uma tentativa evidente de afastamento em relação às diretrizes da política ambiental de Bolsonaro e, além disso, uma escolha estratégica da pauta ambiental como uma das principais apostas do governo Lula para aumentar o campo de influência do Brasil na arena internacional.

Como primeira medida estratégica de resgate do prestígio do país na pauta ambiental, o presidente Lula reconduziu Mariana Silva, referência brasileira na discussão sobre meio ambiente, ao cargo de Ministra do Meio Ambiente. Na sequência, Lula lançou a candidatura do Brasil como sede da COP30, cuja aprovação pela Organização das Nações Unidas (ONU) ocorreu em maio deste ano.

Na esteira de inúmeras mudanças na política ambiental do país e visando impulsionar o protagonismo ambiental do país, o governo articulou, em agosto deste ano, a sua primeira grande agenda ambiental internacional: a Cúpula da Amazônia.

O encontro reuniu presidentes e ministros de Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. Embora a Cúpula não tenha gerado metas comuns de desmatamento, os países participantes concordaram na importância da proteção conjunta da Amazônia e na necessidade de se cobrar dos países desenvolvidos o pagamento de recursos para mitigar o impacto da mudança do clima.

Nota-se, assim, que o Governo Lula tem articulado a retomada de um princípio da política externa ambiental brasileira presente em outros momentos históricos: a busca por apoio e recursos advindos de países desenvolvidos para a preservação dos recursos naturais de países emergentes. A defesa desse princípio já foi utilizada anteriormente pelo próprio Lula na Conferência de Copenhague em 2009, quando o Brasil foi peça importante na negociação do acordo que determinava o compromisso dos países desenvolvidos em contribuir financeiramente para a mitigação e adaptação dos países mais vulneráveis diante das mudanças climáticas.

Nesse cenário, compreende-se que as declarações dadas pelo presidente Lula cobrando recursos e apoio científico dos países desenvolvidos para a preservação da Amazônia e a articulação do governo em torno de um consenso entre os países da região amazônica sinalizam para uma tentativa de se colocar como o principal interlocutor da região nas mesas de negociação com os países desenvolvidos.

## Barnabé Lucas de Oliveira Neto

*Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais*

## Território amazônico e países da América do Sul

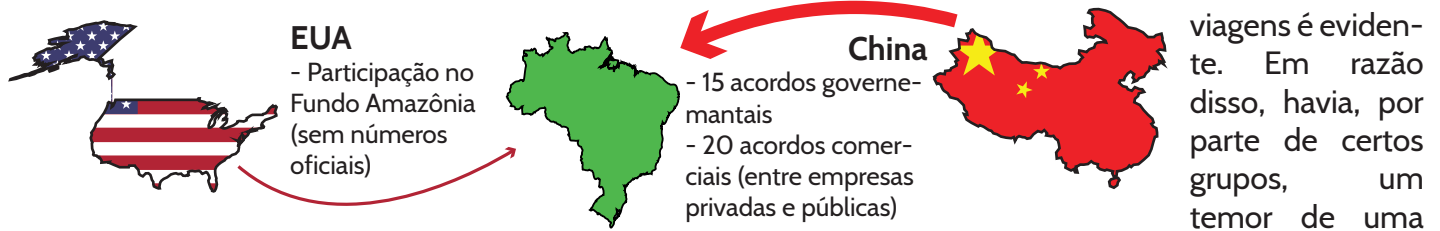


# Guinada na relação com a China e reposicionamento da relação com EUA

O advento do governo Lula não trouxe apenas uma mudança drástica na agenda ambiental internacional do Brasil, como também vem reformulando a relação do Brasil com as duas grandes potências globais: China e Estados Unidos. Assim, ao invés do alinhamento automático aos EUA e da “chinofobia” defendidos no governo Bolsonaro, o governo Lula tem formulado uma política externa mais pragmática no trato com os dois gigantes

Entre os acordos assinados, estão entendimentos e protocolos para regular a relação entre os países nos mais diversos campos: comércio; ciência e tecnologia do espaço; cooperação e pesquisa científica; tecnologias da informação e comunicação; investimento e cooperação industrial; investimento em tecnologias digitais; e mídia. Segundo o presidente Lula, os acordos entre os países somam R\$ 50 bilhões em investimentos.

## Balço de acordos com EUA e China em 2023



mundiais.

Antes mesmo de tomar posse enquanto presidente do Brasil, Lula já havia sinalizado a intenção de retomar uma forte agenda de visitas a países estratégicos em busca de uma reorganização – em alguns casos, do restabelecimento – das relações externas brasileiras. Em 10 de fevereiro, Lula encontrou-se com Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, para discutir temas importantes, tais como: ampliação do Conselho de Segurança da ONU, guerra na Ucrânia, direitos humanos, democracia e agenda climática global.

Em comunicado conjunto publicado após a reunião de Lula com Biden, o presidente estadunidense anunciou, sem menção a valores, a intenção de colaborar com o Fundo Amazônia, o qual foi reativado por decreto presidencial em 1º de janeiro. Embora não existisse menção explícita a valores no comunicado, apurações jornalísticas apontaram que o governo estadunidense estudava uma contribuição de apenas US\$ 50 milhões, valor que frustrou a delegação brasileira.

Apesar da intenção dos EUA em colaborar com o Fundo Amazônia, o comunicado conjunto mostrava pouco avanço do Brasil na obtenção de benefícios concretos na relação com os EUA, seja na área ambiental ou em qualquer outra. Em face disso, em 14 de abril de 2023 o presidente Lula se reuniu com Xi Jinping, presidente da China, e assinaram 15 acordos envolvendo os governos de Brasil e China. Além desses 15 acordos governamentais, foram firmados 20 acordos comerciais entre empresas e entes públicos do Brasil e da China.

O contraste entre as duas viagens é evidente. Em razão disso, havia, por parte de certos grupos, um temor de uma

possível reação negativa dos EUA aos inúmeros acordos firmados entre Brasil e China. Entretanto, em seu último dia de compromissos na China, Lula tratou de deixar cristalino como se dará o posicionamento do governo no trato aos dois gigantes: “Não há nenhuma razão para isso. Quando eu vou conversar com os Estados Unidos, eu não fico preocupado com o que a China vai pensar, eu estou conversando sobre os interesses soberanos do meu país. [...] Cada um negocia em defesa da sua soberania e da melhoria de vida do seu povo”.

Desse modo, a viagem realizada para China, além de pressionar os EUA a se comprometerem de modo mais concreto, também marca um movimento estratégico do Brasil em se posicionar como um pêndulo na relação com as duas potências mundiais. Assim, há uma tentativa de promover uma relação na qual o Brasil possa se movimentar de modo a obter as melhores vantagens possíveis na disputa de poder entre China e EUA.

Um possível resultado positivo desse balançamento na relação entre as potências promovido pelo governo Lula foi o anúncio do governo dos Estados Unidos, em 20 de abril, durante encontro de chefes de Estado no Fórum das Grandes Economias sobre Energia e Clima (MEF, na sigla em inglês), da doação de US\$ 500 milhões (R\$ 2,5 bilhões) para o Fundo Amazônia, entre outras iniciativas globais de combate ao desmatamento, proteção ambiental, reflorestamento e mitigação da mudança do clima direcionadas ao Brasil.

**Barnabé Lucas de Oliveira Neto**

Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais 15

# O Brasil na Guerra na Ucrânia

Desde o começo da invasão da Ucrânia pelo governo do presidente russo Vladimir Putin em fevereiro de 2022, países e líderes de todo o mundo têm se posicionado seja a favor de Kiev, de Moscou ou que se tenham colocado como neutros. O Brasil, que tem um histórico diplomático de não interferência em conflitos internacionais, prega a promoção da paz entre partes conflitantes.

Ainda sob Bolsonaro, o Itamaraty colocou-se oficialmente em uma posição de “equilíbrio”, e não de “neutralidade”, como afirmou o então Ministro das Relações Exteriores, Carlos França, em entrevista à GloboNews. Na ONU, o Brasil votou a favor de condenar a invasão russa à Ucrânia – sendo o único dos BRICS a fazê-lo. Essa posição diplomática e tradicional brasileira estava fora de compasso em relação à posição errática do então presidente, que, sempre que possível, falava que o Brasil estaria “neutro” – apenas para ser desmentido por seus ministros e embaixadores, que reafirmavam que apenas o discurso oficial do Itamaraty esboçava a real posição do Brasil.

Ainda longe das eleições, e do Planalto, o então ex-presidente Lula também fez comentários simplistas sobre o conflito que lhe renderiam diversas críticas. Por mais que tenha se colocado a favor da paz, reprovando o conflito primeiramente, Lula afirmou em um evento na UERJ, a um público de cinco mil pessoas, que o Brasil conseguiria resolver os problemas da Rússia e da Ucrânia “em uma mesa de bar regada a cerveja”, em março de 2022, um mês após o começo da invasão. Após sua eleição, quando recebeu congratulações tanto de Putin quanto de Zelensky, seu discurso passou a ser mais

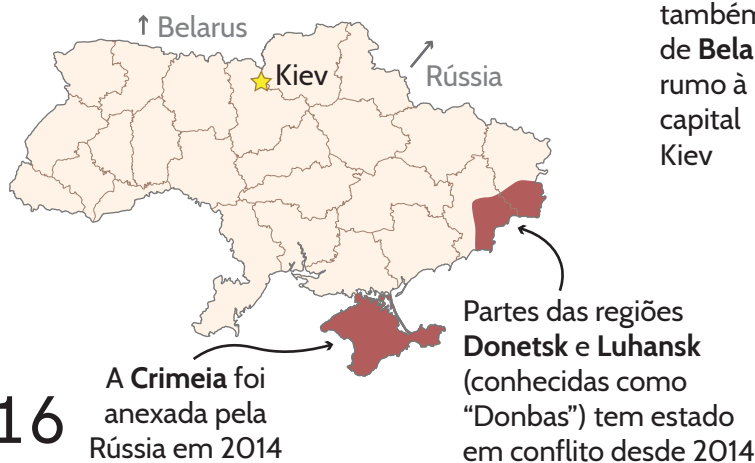
contundente, afirmando que é preciso encontrar uma solução pacífica ao conflito. O agora presidente afirmou em dezembro de 2022, antes de tomar posse, que “no Brasil temos a tradição de defender a integridade das nações e vamos conversar com quem for possível pela paz”. Com os bordões “o Brasil voltou” e “a luta do Brasil é contra a fome”, sua defesa da paz mais apresentam uma visão vaga, que não passa confiança na mensagem, e parecem ser feitas para o público interno, e não externo.

Após assumir a presidência em janeiro deste ano, Lula começou a tentar traçar um plano mais palpável. Em 30 de janeiro, ao lado do chanceler alemão Olaf Scholz, Lula propôs que fosse criado um grupo de países que, juntos, sentassem-se com a Rússia e Ucrânia para negociar a paz. Por um lado, Lula mostrou interesse em trazer países “não-alinhados” para este grupo, como Índia e Indonésia, mas também países que, por mais que não tenham mostrado estar de alguns dos lados, têm interesses mais duvidosos no conflito, como a China – que está num cabo de guerra com o Ocidente e tem se beneficiado com a guerra.

O “plano de paz” de Lula, a de criação de um grupo pela paz, teria sido analisada pela Rússia em fevereiro deste ano. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia afirmou que analisaria a proposta brasileira, pois o Brasil mantinha uma “postura soberana” e estava rejeitando a “pressão americana” de enviar armas para a Ucrânia – referindo-se ao fato que o Brasil negou o envio de peças para a fabricação de tanques que seriam enviados para Kiev. Por um breve momento, até mesmo o governo Zelensky pareceu se mostrar favorável à posição

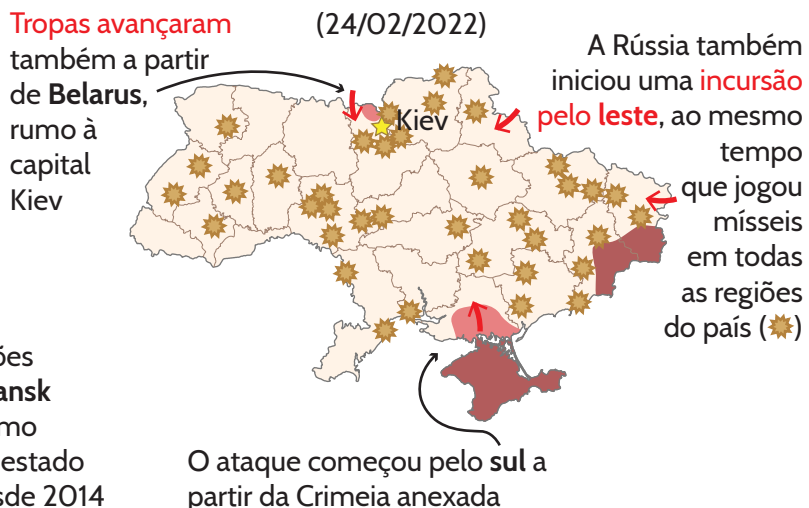
## Evolução da invasão da Ucrânia pela Rússia

Antes da invasão



1º dia

(24/02/2022)



brasileira. A relação entre o presidente ucraniano e brasileiro, porém, ficaria azeda com o passar dos meses.

Em março, Zelensky conversou com Lula por telefone e o convidou para visitar a Ucrânia, o que não aconteceu. Naquele mês, na reunião do G20, o mal-estar entre EUA, China e Rússia fez com que as pretensões brasileiras de avançar sua ideia de “grupo da paz” não avançassem. Ali, a Rússia confirmou que enviaria seu chanceler, Serguei Lavrov, a Brasília em abril, enquanto a Ucrânia afirmou que o Brasil seria importante para fazer com que o país fosse mais bem compreendido na América Latina. A posição brasileira ficou menos agradável para Kiev em abril, quando Lula, em uma entrevista à imprensa nos Emirados Árabes, afirmou que “a decisão da guerra foi tomada por dois países [Rússia e Ucrânia]”, dando a entender que a Ucrânia, invadida pela Rússia, teria a mesma responsabilidade pela invasão que o país que a invadiu. O comentário gerou críticas na mídia e de oficiais de outros países, sobretudo da Ucrânia. Por mais que Lula fosse afirmar, dias depois, em Lisboa, que não teria igualado os dois, condenando a invasão pela Rússia, mas reafirmando que “nenhum dos dois quer parar a guerra”.

Outro desencontro, desta vez literal, aconteceu na reunião da cúpula do G7 em Hiroshima, no Japão. Lula havia sido convidado pelo premiê japonês a participar da reunião, o que foi visto como uma tentativa de aproximar o Brasil às pautas do Ocidente. De maneira inesperada, Zelensky chegou a Hiroshima e pediu um encontro com Lula. E aí começou uma briga de versões. Segundo a Ucrânia, o governo brasileiro teria recusado um encontro. Segundo o Itamaraty, um horário foi combinado com Zelensky, por mais que a agenda já estivesse fechada previamente, mas ele não teria aparecido para a reunião. O encontro não só não aconteceu, como Zelensky reafirmaria mais de uma vez que “Lula não tinha interesse em encontrá-lo” e que isso

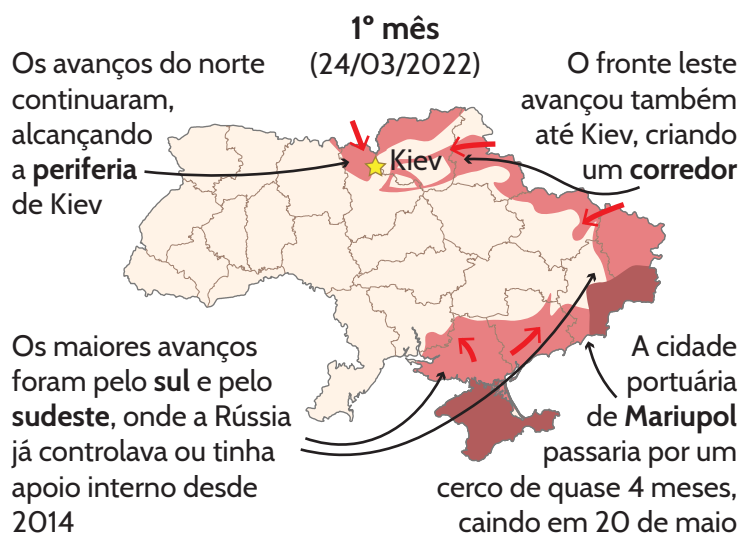
seria uma “decepção” para Lula e não para ele. Nesta mesma entrevista, o presidente ucraniano dá a entender que foi desinteresse do Brasil em encontrá-lo, justificando que os demais líderes também tinham a agenda cheia, mas mesmo assim teria encontrado com eles.

Nos próximos meses, Zelensky continuaria dando entrevistas a jornais brasileiros, salientando como o Brasil seria importante para a paz na Ucrânia, desde que seguisse seus planos e não os de Moscou, mas sem deixar de “alfinetar” as propostas de Lula e tentar colocá-lo sob pressão midiática – uma estratégia que não é usada exclusivamente por Zelensky com o presidente brasileiro, mas com todos os parceiros da Ucrânia – com exceção dos EUA – que se mostram reticentes a pedidos de Kiev em algum momento.

O resumo para o momento atual é que, o governo brasileiro se recusa veementemente a participar do conflito direta ou indiretamente, enquanto advoga pela paz – mas se limitando a afirmar que ela deve ser feita em um “grupo pela paz”, que parece improvável – e Lula faz afirmações dúbias que irritam Kiev e parceiros ocidentais. Do lado da Ucrânia, Zelensky continua afirmando ora que Lula e o Brasil são importantes para a paz, ora expressando críticas ao presidente brasileiro na mídia brasileira e latino-americana, esperando que isso faça com que Lula se junte a seus esforços de guerra – o que parece tão improvável quanto, já que a diplomacia brasileira não tem o histórico de ceder a pressões midiáticas.

### Caio Ponce de Leon R. F.

*Doutorando em Ciência Política no Instituto para Ciência Política da Universidade Duisburg-Essen, na Alemanha.*



# Relações do Brasil-Europa: acordo Mercosul-UE

A União Europeia, composta atualmente por 27 países europeus, e o Mercosul, composto por cinco países (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela), mas, na prática, por apenas quatro atualmente (desde que a Venezuela foi suspensa devido à ruptura da ordem democrática no país), são organizações regionais de extrema importância para seus continentes e para os mercados globais. Em 2022, a UE detinha um PIB de 16,6 trilhões de dólares, enquanto os quatro países do Mercosul somavam um PIB de 3,3 trilhões de dólares.

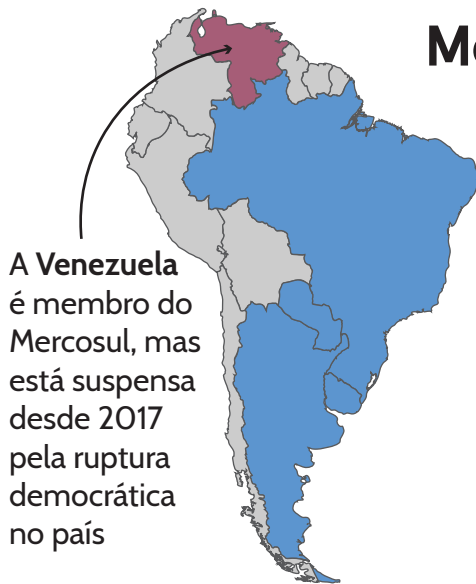
Ambas as regiões, dada sua história, têm relações estreitas há muito tempo e em diversos âmbitos, inclusive o comercial. Neste contexto, negociações para um acordo birregional se iniciaram ainda no final da década de 1990. O ponto de partida foi a cúpula de chefes de Estado e de governo da União Europeia e do Mercosul que aconteceu em junho de 1999 no Rio de Janeiro. Ali, os mandatários sul-americanos e europeus afirmaram que tinham o interesse de promover o fortalecimento das relações entre os dois blocos através da liberalização do comércio de maneira progressiva entre os dois. O acordo, porém, permaneceu na intenção.

Após várias rodadas de negociações e promessas de que o acordo seria finalmente fechado, a assinatura de fato de um documento oficializando essa liberalização do comércio nunca se concretizou. Rodadas importantes aconteceram em 2004-2005 e 2010, mas sem conseguir fazer avanços efetivos. Uma das principais complicações que se impõem são o veto de países como França e Irlanda, onde agricultores temem ter perdas financeiras por não conseguir competir com países como Brasil e Argentina, em uma relação em que esses produtos cheguem à Europa sem taxa extra.

A partir de 2016, já com Michel Temer como presidente brasileiro e Mauricio Macri, como presidente argentino, uma nova onda de pressões por parte do Mercosul sobre a UE foi iniciada pelas vias diplomáticas. Uma nova proposta foi entregue pelos Ministros das Relações Exteriores do Mercosul às autoridades em Bruxelas. Após este movimento, o acordo só voltaria a ser mencionado em 2019, já no governo Bolsonaro.

Em junho de 2019, o então presidente brasileiro anunciou pelo Twitter que o Acordo Mercosul-UE tinha sido assinado, segundo ele, graças ao então chanceler brasileiro Ernesto Araújo.

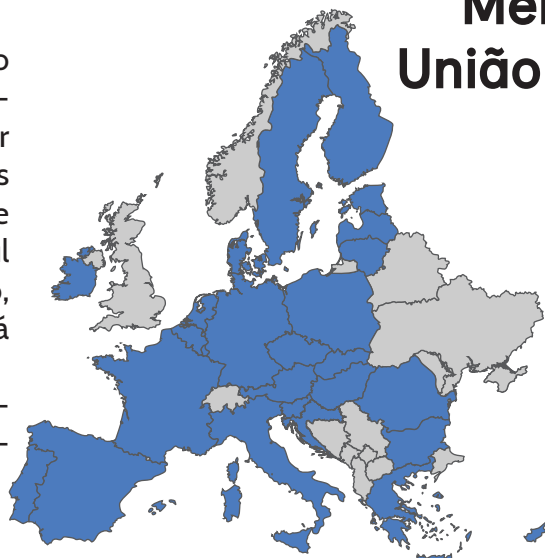
Pouco tempo depois, porém, veio o primeiro revés para o acordo. O presidente francês Emmanuel Macron, com quem Bolsonaro partilhou uma rixa em boa parte de seu mandato, acusou o presidente brasileiro de ter mentido na cúpula do clima em Osaka, no Japão, que aconteceu em junho daquele ano. Macron e a chanceler alemã Angela Merkel teriam expressado preocupações com as atitudes de Bolsonaro em relação à questão climática – tendo Macron chegado a ameaçar ser contra o acordo, caso Bolsonaro retirasse o Brasil do Acordo de Paris. Para além dessas acusações, o acordo Mercosul-UE não foi bem recebido na França, em especial entre agricultores e ambientalistas, que protestaram contra o documento.



A Venezuela é membro do Mercosul, mas está suspensa desde 2017 pela ruptura democrática no país

## Membros do Mercosul

- 5 membros
- Mercado de 260 mi de consumidores
- 3,4% do PIB global



## Membros da União Europeia

- 27 membros
- Mercado de +500 mi de consumidores
- 17,2% do PIB global

Dentre as críticas, a maior é a de que a forma com a qual produtos agrícolas são produzidos no Brasil beneficia mais os produtores brasileiros que os europeus, uma vez que vários agrotóxicos e métodos proibidos na UE são legalizados no Brasil. Isso, somado às normas sanitárias rigorosas, aumentaria os custos de produção, fazendo com o que o produto europeu fosse mais caro que os brasileiros.

Em 2020, a resistência na Europa aumentou. Com a França capitaneando uma rejeição do acordo, três parlamentos europeus, o austríaco, neerlandês e belga, anunciaram que recusariam o acordo. O principal ponto de resistência nesses países seriam as posturas do então presidente Bolsonaro. Durante os anos da pandemia, a situação continuou imutável. O empasse só passaria com a eleição de Lula à presidência em outubro de 2022, quando líderes europeus tiveram a esperança de desbloquear questões que não acreditavam poder serem tratadas com Bolsonaro.

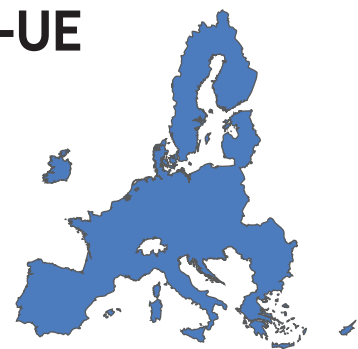
As esperanças, porém, não se concretizaram tão rapidamente. Lula deixou claro reiteradas vezes que não deseja fechar o acordo da maneira em que ele se encontra, o que, na prática, manteria países do Mercosul como produtores de bens agrícolas (ou seja, produtos com menor valor agregado) e, países da UE, como produtores de bens manufaturados (com maior valor agregado). Além disso, Lula foi contundente em suas críticas a um documento adicional lançado pela UE em que se propõe a aplicação de sanções a países do Mercosul caso haja descumprimento do Acordo de Paris – relacionado à proteção do clima. “Inadmissível” e “ameaça”, foram os termos usados pelo presidente brasileiro para descrever as exigências europeias. Ele reafirmaria nesses mesmos termos suas críticas em Paris, ao lado de Macron, durante uma cúpula do Novo Pacto de Financiamento Global que contava com diversas lideranças políticas mundiais.

É claro que ambas as partes, tanto os países do Mercosul, quanto a UE, têm bastante interesse

## Produtos mais exportados entre Mercosul-UE em 2021

**8 bi de euros**

de farmacêuticos, partes de veículos e medicamentos



**14,3 bi de euros**

de ração animal, oleaginosas e petróleo

em fechar o mais rápido possível este acordo, que beneficiaria vários setores das duas economias. A grande ponte aérea que Lula tem feito entre Brasil e Europa, sempre se encontrando com líderes europeus e da União Europeia, e também a visita recente da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, ao Brasil em junho, mostram que o diálogo tem se mantido ativo. No entanto, os protestos do lóbi do agronegócio europeu e, agora, as novas exigências de Lula de um acordo “mais equilibrado” parecem apresentar um entrave que pode atrasar a finalização deste acordo, provavelmente para mais do que o final de 2023, como ambiciona o presidente brasileiro.

**Caio Ponce de Leon R. F.**

*Doutorando em Ciência Política no Instituto para Ciência Política da Universidade Duisburg-Essen, na Alemanha.*

## O que o acordo prevê?

O acordo deve facilitar o comércio de bens, o acesso de pequenas e médias empresas aos países de ambos os blocos, a compra de produtos de empresas estrangeiras por governos e a sustentabilidade. Mais especificamente, ele prevê:



### liberalização de serviços entre os blocos

serviços gerais, comércio eletrônico e a participação de empresas estrangeiras em contratos públicos também é prevista

### isenção de impostos de importação

- 91% das mercadorias da UE para o Mercosul  
- 92% das mercadorias do Mercosul para a UE



# A volta do Presidencialismo de Coalizão com Lula III

Ao final das eleições majoritárias de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito por uma pequena margem em um dos segundos turnos mais disputados da história brasileira. Com a eleição, surge o desafio do dia seguinte: como articular a base de sustentação governista? O presidente eleito apostou na velha receita conhecida de seus governos anteriores, o chamado **Presidencialismo de Coalizão**.

O conceito de Presidencialismo de Coalizão é desenvolvido no debate político brasileiro e detalhadamente trabalhado por Sérgio Abranches. Em resumo, o presidente brasileiro é eleito com um partido que não consegue estabelecer nem de longe a maioria parlamentar necessária para governar. Logo, sua governabilidade é conquistada pelo poder de atrair outros partidos para sua base de sustentação política.

Uma das principais formas do presidente exercer essa atração é por meio das nomeações, de sua competência exclusiva, para ministérios e cargos em comissão. Isso não significa necessariamente uma medida patrimonialista, de corrupção ou acepção de pouca eficiência. Claro, isso depende de como as indicações são feitas e de como são conduzidas as negociações para isso.

Entretanto, estabelecer o presidencialismo

de coalizão como se fosse um dado intrínseco à realidade brasileira não descreve com precisão o arranjo político e institucional pelo qual ele é realizado, visto que é uma opção política. Aliás, se o sistema multipartidário brasileiro impõe a necessidade de atrair forças discordantes para governar, o uso de emendas parlamentares sem a devida publicidade e o mínimo de critério técnico não pode fazer parte do pacote em busca da governabilidade.

Diferentemente de seu antecessor, que não teve consigo uma coalizão formal, Lula optou por retomar a experiência que havia utilizado em seus governos anteriores. No entanto, no governo atual, ele precisa lidar com um legislativo mais fortalecido do que no passado, o que resulta em mais exigências em relação ao poder executivo.

Num levantamento comparativo, o Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB) posiciona a situação do governo atual em relação a outros governos eleitos diretamente. Além disso, é importante lembrar que a formação da coalizão por si só não garante o sucesso do governo, como demonstrado pelo final melancólico do governo Dilma II, que contava com uma das maiores coalizões já formadas. O apoio aos governos na Câmara Federal é traçado historicamente da maneira apresentada na tabela abaixo.

## Participação do governo na composição da Câmara dos Deputados

Governo	Cadeiras do partido do presidente	% Cadeiras do partido do presidente	Cadeiras da coalizão na Câmara	% Cadeiras da coalizão na Câmara	Total das cadeiras na Câmara
Sarney	202	40,81%	313	63,23%	495
Collor	25	5,05%	119	24,04%	495
Cardoso I	62	12,09%	298	56,34%	513
Cardoso II	99	19,30%	348	67,84%	513
Lula I	91	17,74%	219	42,69%	513
Lula II	90	17,54%	311	60,62%	513
Dilma I	88	17,15%	326	63,55%	513
Dilma II	68	13,26%	317	61,79%	513
Bolsonaro	52	10,14%	52	10,14%	513
Lula III	68	13,26%	262	51,07%	513

*dados do Observatório do Legislativo Brasileiro*

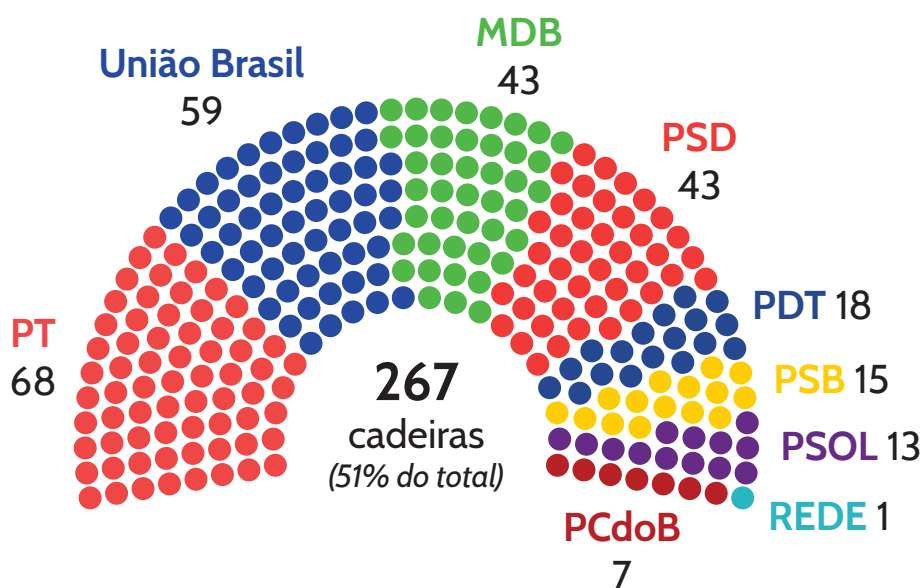
Podemos observar que o partido do presidente eleito detém apenas 13,26% das cadeiras, o que implica na necessidade de ampliar esses números em relação a outros partidos. Muitas vezes, esses partidos têm pouco ou nada em comum com o ideário eleito. Nesse sentido, como exemplo, existe o risco de o governo não apenas contar com o apoio do chamado centrão, mas de se submeter a ele. Ou seja, o governo pode ser cooptado em relação a pautas, verbas, cargos e poder decisório.

Durante os primeiros oito meses do governo Lula III, houve duas grandes vitórias legislativas na

Embora tal apoio ampliado seja de suma importância para o exercício do governo, ainda mais crucial é a manutenção da legitimidade daquilo que foi apresentado como plataforma eleitoral. Nossa história recente demonstrou que a subversão dessa dinâmica não nos conduz a bons caminhos.

A decisão do presidente em reeditar o modelo de presidencialismo de coalizão como estratégia, essa que já demonstrou ser pouco confiável em momento de maiores dificuldades, implica pelo menos em estabelecer critérios que mostrem ao desconfiado cidadão que está sendo formada uma

## Composição oficial da base governista na Câmara dos Deputados



Levantamentos mostram que os partidos da coalizão mais leais ao governo, acompanhando-o em votações na Câmara, têm sido o PT (99% das votações), PCdoB (96%) e PSB (88%).



Os menos leais, em seis meses de governo, têm sido o PSD (72%), MDB (69%) e o União Brasil (54%).

Câmara: a aprovação de uma versão própria do arcabouço fiscal e a reforma tributária. Ambas contaram com apoio além de suas bases, como evidenciado pelos resultados expressivos das votações e pela natureza de emendas constitucionais da reforma tributária. No entanto, nenhuma dessas iniciativas abordou o maior problema do Brasil: a concentração de renda e riqueza.

Atualmente, é possível perceber que o governo tenta estabilizar e expandir suas alianças, enquanto o primeiro ano da legislatura transcorre sem propostas ou debates significativos para uma retomada do crescimento. A reedição do antigo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) parece ser a única alternativa encontrada, perante as amarras que se impõem na capacidade do Estado Brasileiro em investir.

coalizão em prol de um projeto de recuperação do país, e não apenas para improvisos mal elaborados e satisfação narcísica.

**Antonio Alves de V. Filho**

*Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais*

“O Conto da Aia” é uma obra da escritora canadense Margaret Atwood, lançado originalmente em 1985. O livro traz a história de Offred, uma “aia” (um termo que faz referência à mulher responsável pela educação de crianças de famílias ricas ou nobres ou que era dama de companhia) que está a serviço de uma família chefiada por um dos “comandantes” da **República de Gilead**. Gilead é fruto de um golpe de Estado, e subsequente guerra civil, nos Estados Unidos da América. Com um sistema político baseado no patriarcado e supremacia branca, Gilead é um **Estado teocrático totalitário** que ocupa a maior parte do território continental dos EUA em um “futuro próximo”.

Enquanto a obra foca na história das aias - mulheres “impuras” que foram transformadas em escravas sexuais com o único intuito de prover filhos à família dos comandantes (os grandes homens políticos de Gilead) -, ela também traz visões interessantes de como a comunidade internacional reagiria à derrocada dos Estados Unidos e o surgimento de um grande “estado delinquente” (ou *rogue state*, como é tratado na literatura de língua inglesa).

Neste artigo, nós abordamos algumas questões de relações internacionais que aparecem no Conto da Aia - tanto na versão do livro, quanto na sua adaptação para a televisão.

Com o golpe, a seita dos “Filhos de Jacó” tomaram o território continental contínuo dos EUA. Os dois estados que sobraram à federação foram o Alasca e Haváí (a bandeira passou a ter apenas duas estrelas ao invés das 50 que tem na realidade). A capital do país passou a ser **Anchorage**, capital do Alasca.

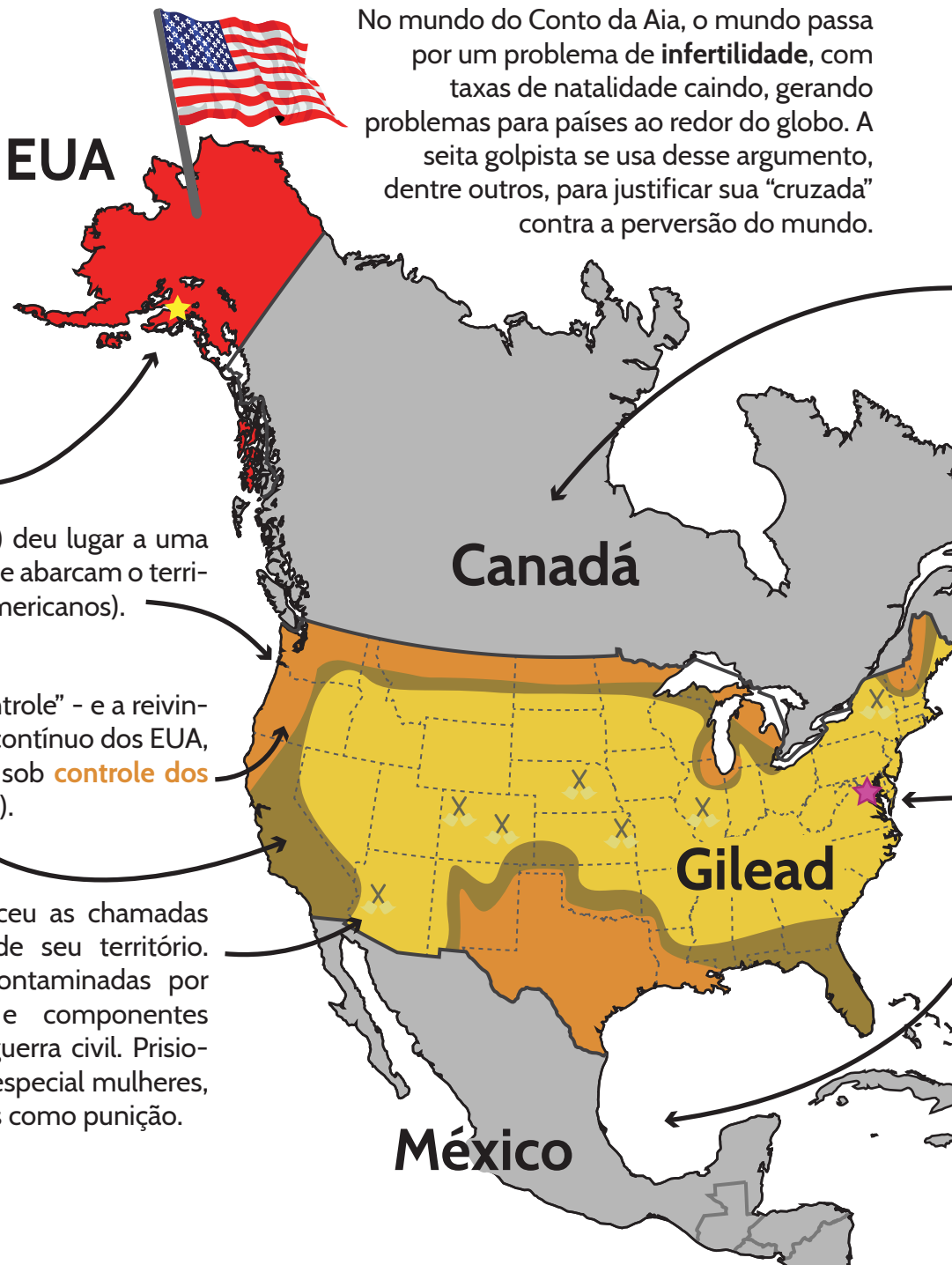
**EUA**

A divisão estatal (mostrada aqui) deu lugar a uma divisão distrital do continente (que abarcam o território de vários antigos estados americanos).

Por mais que Gilead tenha o “controle” - e a reivindicação - formal sob o território contínuo dos EUA, muitas áreas estão, na verdade, sob **controle dos rebeldes** (●) ou em **conflito** (●).

**X** Gilead também estabeleceu as chamadas “colônias” em partes de seu território. Estas regiões foram contaminadas por poluição industrial, radiação e componentes químicos - como resultado da guerra civil. Prisioneiros políticos e de guerra, em especial mulheres, são mandados para essas regiões como punição.

No mundo do Conto da Aia, o mundo passa por um problema de **infertilidade**, com taxas de natalidade caindo, gerando problemas para países ao redor do globo. A seita golpista se usa desse argumento, dentre outros, para justificar sua “cruzada” contra a perversão do mundo.





## Qual a reação do mundo a Gilead?

A ideologia por trás da “República de Gilead”, da maneira apresentada na obra e na série, não parece ter um caráter “global”, no sentido em que eles não têm interesse em exportá-la para os outros países do mundo. Assim, o que se vê na prática é que o regime se fechou e isolou-se do mundo, sendo descrito por personagens estrangeiros como uma “caixa-preta” - algo que se assemelharia à Coreia do Norte nos tempos de hoje. Mais ainda, um dos comandantes menciona que **muitos países não reconhecem Gilead como um país**. O funcionamento do governo de Gilead é um mistério para entes estrangeiros. Isso, porém, não impede que o novo país tenha - limitadas - relações exteriores. Veja abaixo a posição de alguns países e entidades em um mundo em que os EUA são (quase) varridos do mapa.

Com sede em Nova Iorque, dificilmente a **ONU** continuaria operando em Gilead, uma vez que o regime considera diversas políticas defendidas na instituição - tais como os direitos humanos, das mulheres e LGBTQIA+ - como “perversões”. Não é mencionado o que ocorre com as Nações Unidas especificamente, no entanto, exemplos atuais podem dar uma ideia da atuação que a organização teria em relação a Gilead: votos na Assembleia Geral condenando o desrespeito aos direitos humanos e pedidos para uma solução pacífica do conflito com os EUA. A Assembleia Geral, porém, só pode lançar recomendações, que não são vinculantes. O Conselho de Segurança, do qual os EUA são membro permanente, pode lançar sanções que podem ser consideradas vinculantes, ou seja, obrigatórias para os Estados. De fato, é mencionado na série que a ONU impôs sanções econômicas a Gilead, o que diminui sua capacidade de comércio global. Essas medidas, porém, têm de ser implementadas e impostas pelos Estados. É difícil imaginar que em um mundo em que os EUA perdessem sua influência internacional, que outro país obrigaria os demais a seguir decisões do Conselho de Segurança. É igualmente difícil de se imaginar que Gilead desejasse tornar-se um membro da ONU.

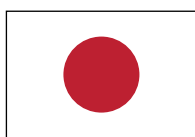


Mesmo com o golpe e a instalação de um governo teocrático em sua fronteira sul, o Canadá permanece um país estável, democrático e livre. Aliado do governo dos EUA, baseado em Anchorage, o país mantém **sanções** contra Gilead, o que, por outro lado, tem um forte impacto em sua economia - dado que os Estados Unidos eram o maior parceiro comercial do país. O Canadá também acolhe refugiados que conseguem escapar do regime autoritário do sul e mantém **operações militares** junto aos britânicos (e o que sobrou do exército estadunidense) ao longo da fronteira com Gilead.

O Reino Unido também é mencionado. Além das operações militares que realiza com o Canadá na fronteira de Gilead, **o país recebe muitos dos refugiados** que fogem para o Canadá. Sociedades britânicas “Salve as Mulheres” têm um papel importante com refugiadas que escapam ao regime.



Washington D.C. continuou sendo a capital do país após o golpe



O **Japão** e o **México** são países que parecem ter acertado suas relações com Gilead. A série mostra que **o Japão acabou com as sanções ao país** após ter resolvido a questão dos ativos financeiros confiscados com o golpe. Turistas japoneses e japonesas visitam Gilead, sem ter que ser oprimidas como as mulheres do país. Comitativas diplomáticas mexicanas também tiveram sucesso em **destravar o comércio de alguns bens**, como chocolate. O México, assim como a **Venezuela**, mostraram interesse em importar o sistema das “aias”.



A **China** e a **Índia** têm um papel interessante na história, uma vez que elas ajudam financeiramente o governo dos EUA em exílio - o que pode ser visto como uma forma pragmática de agir frente a uma expectativa de reconquista do território americano no futuro. A China, porém, com outros países como Coreia do Norte e Rússia não parecem censurar Gilead. Após uma vitória militar do país, em um episódio específico, os governos desses países congratulam Gilead, mostrando uma postura ambivalente. No geral, o clima é de “normalidade” diplomática, no sentido em que cada país tentará alcançar seus objetivos, independente de valores e da queda e surgimento de um novo hegemon nuclear.



Cuba

No mundo da política (nacional e internacional) também acontecem muitas bizarrices. Veja abaixo algumas das que aconteceram recentemente!



## Antes tarde do que nunca: a Suécia vai acabar com a ditadura anti-dança!

“Não é razoável que o Estado regule a dança das pessoas”. Essa foi a frase utilizada pelo ministro da justiça sueco, Gunnar Strömmer, ao comunicar que a Suécia formularia um projeto para acabar com a obrigatoriedade de se obter uma “permissão de dança”. Acontece que, desde 1956, existe uma lei sueca que impede que o cidadão sueco ou turistas dançam espontaneamente. Em razão disso, era preciso que os organizadores de eventos dançantes precisassem obter permissões para que os participantes dos eventos pudessem dançar. Antes tarde do que nunca: a Suécia está em vias de acabar com a ditadura anti-dança!

## As manias do Rei Charles

Em 6 de maio deste ano, Charles Philip Arthur George foi coroado como Charles III do Reino Unido. Juntamente à coroação do Rei Charles III, surgiram inúmeros relatos de manias e hábitos um tanto quanto excêntricos do monarca britânico. Em primeiro lugar, o Rei Charles III sempre viaja com seu próprio assento sanitário. Aonde quer que vá, o assento o acompanha! Além disso, há relatos de que os funcionários do Rei são instruídos a colocarem exatamente 1 centímetro de pasta de dente em sua escova e a prepararem a banheira com água morna até a metade. Por fim, o Rei exige uma organização bastante metódica de servir seu café da manhã, que conta sempre com a xícara e o pires à direita e uma colher de prata apontando para fora, em um ângulo de cinco horas.



## Barbie: a cartógrafa chinesa ocidental?



Em julho o filme da boneca americana “Barbie” estreou nos cinemas ao redor do globo. Os vietnamitas, no entanto, não puderam ver as aventuras da boneca loira na telona. O governo do país censurou o filme, alegando que ele apresentava a controversa “linha das nove raias”, uma linha demarcatória usada pela China para reivindicar o território de boa parte do Mar do Sul da China - o que fere as reivindicações territoriais marítimas do Vietnã. A Warner Bros, produtora do filme, defendeu o filme, afirmando que o desenho é apenas um “desenho infantil com giz de cera” e de forma alguma uma declaração territorial. O filme, porém, continuou bloqueado no país.

Nesta seção, damos algumas dicas do que você pode fazer para se divertir enquanto aplica alguns de seus conhecimentos de política interna e externa! Dê uma olhada abaixo!



## Sergio

o que: filme  
onde: Netflix

duração: 118 min  
ano: 2020

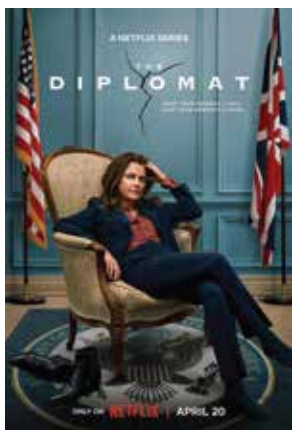
Em 18 de agosto deste ano, a morte do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello completou 20 anos. Documentos recentes relevados em apuração do Portal UOL revelaram que o ataque terrorista que matou 22 funcionários no Iraque, entre eles Sérgio, acabou sendo um divisor de águas na história da Organização das Nações Unidas (ONU), uma vez que deixou evidente os riscos corridos pela organização ao se associar às grandes potências que ocupam militarmente países em situação de instabilidade. O episódio do ataque terrorista em Bagdá e os últimos dias de vida de Sérgio Vieira são retratados no filme.

## Borgen: o Reino, o Poder e a Glória

(*Borgen: Riget, Magten, og Æren*)

o que: série      temporadas: 1 (8 episódios)      ano: 2022  
onde: Netflix      duração de episódio: ~60 min

“Borgen” é o apelido do parlamento dinamarquês. A série, que originalmente acabou em 2013, foi comprada pela Netflix, que fez uma quarta temporada extra. Nesta temporada, a primeira primeira-ministra da Dinamarca, Birgitte Nyborg, é agora ministra das relações exteriores do país escandinavo. Com seus filhos crescendo e indo morar fora, e sem ter se casado novamente, a nova temporada mostra uma Birgitte ainda mais imersa no mundo político. Em meio à descoberta de petróleo na Groenlândia, um território autônomo dinamarquês que luta por sua independência, a política resolve mudar radicalmente sua política ambiental e defender a exploração do produto, indo contra a política oficial do governo da líder trabalhista Signe Kragh. A situação complica ainda mais quando a Rússia e a China demonstram interesse em explorar o petróleo na Groenlândia e os EUA, que estão geograficamente mais próximos à ilha, pressionam a Dinamarca a desistir da empreitada.



## A Diplomata (*the diplomat*)

o que: série      temporadas: 1 (8 episódios)      ano: 2023  
onde: Netflix      duração de episódio: ~50 min

A série acompanha a história da nova diplomata americana para o Reino Unido, Kate Wyler. Com um histórico de trabalho em zonas de crise, ela tem seu novo destino mudado subitamente - do Afeganistão para a Inglaterra. O presidente dos EUA, que a escolhe para esta função, acredita que ela possa trabalhar como uma “número 2” dele, já que ele espera que sua vice-presidente renuncie em breve. Provando seu histórico, ela enfrenta crises que surgem repentinamente, seja na política interna do Reino Unido, seja com outros parceiros europeus.

## Seção Além do Mainstream

<sup>1</sup> Sukhadeve, Ashish. "Council Post: Artificial Intelligence For Good: How AI Is Helping Humanity." Forbes, <https://www.forbes.com/sites/forbesbusinesscouncil/2021/02/09/artificial-intelligence-for-good-how-ai-is-helping-humanity/>. Acesso em 24 ago. 2023.

<sup>2</sup> "A Robot Wrote This Entire Article. Are You Scared yet, Human?" The Guardian, 8 Sept. 2020. The Guardian, <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/sep/08/robot-wrote-this-article-gpt-3>.

<sup>3</sup> Hallucinations Could Blunt ChatGPT's Success - IEEE Spectrum. <https://spectrum.ieee.org/ai-hallucination>. Acesso em 24 ago. 2023.

<sup>4</sup> Confessore, Nicholas. "Cambridge Analytica and Facebook: The Scandal and the Fallout So Far." The New York Times, 4 Apr. 2018. NYTimes.com, <https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html>.

<sup>5</sup> Cinelli, Matteo, et al. "The echo chamber effect on social media." Proceedings of the National Academy of Sciences 118.9 (2021): e2023301118.

<sup>6</sup> "How Generative AI Impacts Democratic Engagement." Brookings, <https://www.brookings.edu/articles/how-generative-ai-impacts-democratic-engagement/>. Acesso em 24 ago. 2023.

<sup>7</sup> Post-Truth - Quick Search Results | Oxford English Dictionary. <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=post-truth&tl=true>. Acesso em 24 ago. 2023.

## Seção Teorias

Baldwin, David A. The concept of security. Review of International Studies. 1997.

Buzan, Barry; Hansen, Lene. The Evolution of International Security Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Tanno, Grace. A Contribuição da Escola de Copenhague aos Estudos de Segurança Internacional. Contexto Internacional, vol.25, No.1, 2003.

Buzan, Barry. New patterns of global security in the twenty-first century. International Affairs, Royal Institute of International Affairs, Vol. 67, No. 3, p. 431-451, 1991.

Frederking, Brian. Constructing post-Cold War collective security. The American Political Science Review, Vol. 97, No. 3, p. 363-378, 2003.

Lyon, Rod. The Transformation of International Security. In: Alliance Unleashed: Australia and the US in a new strategic age. Australian Strategic Policy Institute (2005).

Hoffman, Bruce, Re-Thinking Terrorism in Light of a War on Terrorism. Santa Monica, California: RAND Corporation, 2001.

Walt, Stephen M. The Renaissance of security studies. International Studies Quarterly, Vol. 35, No. 2, pp. 211-239, 1991.

Galtung, Johan. Violence, Peace and Peace Research. Journal of Peace Research, 6 (3): 167-191, 1969.

Newman, Edward. Critical Human Security Studies. Review of International Studies, 36, p. 77-94, 2010.

## Seção Expandindo Conhecimento

Todos os links foram acessados em 21 ago. 2023.

<https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2022/>

<https://www.eiu.com/topic/democracy-index/>

<https://www.fec.gov/resources/cms-content/documents/federaelections2020.pdf>

<https://www.nytimes.com/2021/01/09/us/politics/confederate-flag-capitol.html>

<https://www.washingtonpost.com/politics/2021/02/25/joe-biden-live-updates/#link-SASQGWOOVHTJBSYQPIR2KSASQ>

<https://www.msn.com/en-us/news/us/exclusive-classified-documents-reveal-the-number-of-january-6-protestors/ar-AAS5k77>

<https://www.politico.com/news/2023/05/30/january-6-arrest-sentencing-00099158>

<https://www.npr.org/2023/03/25/1165022885/1000-defendants-january-6-capitol-riot>

<https://edition.cnn.com/2022/03/07/politics/capitol-police-injuries/index.html>

<https://www.nytimes.com/2022/01/05/us/politics/jan-6-capitol-deaths.html>

<https://www.dw.com/en/trump-indictment-january-6-live-blog/live-66410867>

<https://www.lejdd.fr/Politique/sondage-apres-9-mois-de-chute-emmanuel-macron-a-repris-en-moyenne-3-points-de-popularite-3849746>

<https://www.politico.eu/article/why-the-yellow-jacket-movement-is-a-gift-to-macron/>

[https://www.lemonde.fr/politique/article/2022/02/14/le-programme-d-eric-zemmour-a-la-presidentielle-2022\\_6113625\\_823448.html](https://www.lemonde.fr/politique/article/2022/02/14/le-programme-d-eric-zemmour-a-la-presidentielle-2022_6113625_823448.html)

<https://www.ladepeche.fr/2023/07/19/decryptage-remaniement-popularite-au-plus-bas-manque-de-confiance-macron-et-borne-survivants-de-la-crise-de-la-reforme-des-retraites-11348142.php>

<https://dpolitik.com/blog/2023/05/29/erdogan-continua-no-poder-um-resumo-de-20-anos-do-atual-regime-turco/>

<https://www.reuters.com/world/middle-east/turkey-election-results-show-erdogan-dominating-quake-hit-region-2023-05-16/>

<https://www.washingtonpost.com/world/2023/05/23/turkey-election-earthquakes-erdogan-kilicdaroglu/>

<https://edition.cnn.com/2023/05/12/europe/erdogan-earthquake-election-intl/index.html>

## Seção Capa - “A aposta de Lula na agenda ambiental internacional”

Links acessados em 29 ago. 2023.

<https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2022/BR/BR/544/candidatos/280001607829/pje-3b1196fd-Proposta%20de%20governo.pdf>

<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/08/09/cupula-da-amazonia-termina-com-criticas-sobre-falta-de-acoes-concretas.ghtml>

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/11/lula-decide-lancar-belem-como-candidata-do-brasil-a-sede-da-cop-30-em-2025.ghtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/11/nao-ha-seguranca-climatica-sem-a-amazonia-protetida-o-discurso-de-lula-na-cop27.shtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1wv2nx729po>

<https://www.brasildefato.com.br/2022/11/07/lula-agita-a-cop27-com-promessa-de-mudanca-de-rumo-do-brasil-nas-questoes-ambientais>

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/05/onu-confirma-belem-pa-como-sede-da-cop-30-conferencia-para-o-clima>

DE OLIVEIRA NETO, Barnabé Lucas. Da lama ao caos: o retrocesso da política e liderança ambiental do Brasil sob o governo Bolsonaro. 2022. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/9937/9030>

VIOLA, E.; FRANCHINI, M. Brasil na Governança Global do Clima, 2005 – 2012: a luta entre conservadores e reformistas. <https://www.scielo.br/j/cint/a/zHnDvDdHKw4s5gqWnD4947/>

## - “Guinada na relação com a China e reposicionamento da relação com EUA”

Links acessados em 29 ago. 2023.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2023-04/lula-diz-que-conversa-s-com-china-nao-abalam-relacoes-com-os-eua>

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-te-ria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/02/10/lula-biden-eua-visita.htm>

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/12/entre-eua-e-china-brasil-fica-com-ambos.ghtml>

<https://veja.abril.com.br/coluna/sensacionalista/bolsonaro-entrega-base-vistos-e-omc-e-ganha-um-bone-de-trump>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/02/brasil-se-decepciona-com-valor-oferecido-pelos-eu-a-para-participar-do-fundo-amazonia.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/lula-dobra-aposta-em-viagem-a-china-para-pressionar-eua-a-por-mao-no-bolso.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/04/governo-dos-eua-ve-afronta-em-declaracoes-de-lula-sobre-washington-na-china.shtml>

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/06/fala-de-bolsonaro-sobre-china-causa-politica-em-reuniao-da-cre-com-chanceler>

<https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band/ultimas/acordos-assinados-entre-brasil-e-china-somam-r-50-bilhoes-16596833>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>

<https://www.brasildefato.com.br/2022/08/26/brasil-de-bolsonaro-perde-janela-de-oportunidade-diante-de-disputa-entre-china-e-eua>

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/lula-da-reclamação-a-eua-e-europa-sobre-influência-da-china-e-eua-nao-querem-investir-tem-gente-que-quer/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lula-e-xi-assinam-15-acordos-envolvendo-governos-de-brasil-e-china-veja-a-lista/>

<https://www.csis.org/analysis/great-balancing-act-lula-china-and-future-us-brazil-relations>

<https://www.estadao.com.br/opiniaop/espaco-aberto-o-brasil-diante-de-dois-gigantes-globais/>

<https://www.estadao.com.br/politica/viagem-de-lula-leva-brasil-para-o-centro-da-disputa-entre-eua-e-china-leia-analise/>

[https://www.gov.br/mre/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/comunicado-conjunt-o-por-ocasio-do-encontro-entre-os-presidentes-lula-e-biden](https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/comunicado-conjunt-o-por-ocasio-do-encontro-entre-os-presidentes-lula-e-biden)

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/04/brasil-firma-acordos-da-ordem-de-r-62-5-bi-com-china-e-eua-e-lula-ressalta-protagonismo-internacional-do-pais>

<https://www.poder360.com.br/internacional/eua-s-e-preocupam-com-acenos-de-lula-a-russia-e-china-diz-jornal/>

KALOUT, Hussein; GUIMARÃES, Feliciano de Sá. Uma política externa pendular entre EUA e China: o Brasil se protegendo para sobreviver. 2022. <https://cebri.org/revista/br/artigo/57/uma-politica-e-externa-pendular-entre-eua-e-china-o-brasil-se-protegendo-para-sobreviver>

## - “O Brasil na Guerra na Ucrânia”

Links acessados em 23 ago. 2023.

<https://oglobo.globo.com/mundo/divergencias-entre-bolsonaro-itamaraty-sobre-invasao-russa-obrigam-ministros-assessores-esclarecer-vale-posicao-da-diplomacia-2-25414237>

<https://www.sun0.com.br/noticias/bolsonaro-guerra-ucrania-brasil-sera-neutro-nao-ha-massacre-na-ucrania/>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/03/30/lula-diz-que-no-brasil-motivos-para-guerra-na-ucrania-seriam-resolvidos-numa-mesa-de-bar.htm>

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/12/20/lula-diz-que-conversou-com-putin-e-que-brasil-busca-mundo-sem-fome-e-com-paz.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-pede-fim-da-guerra-em-encontro-com-representantes-da-russia-e-ucrania/>

<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/lula-anuncia-conversa-com-putin-o-brasil-voltou-em-penhado-na-busca-de-um-mundo-com-paz/>

<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/lula-anuncia-conversa-com-putin-o-brasil-voltou-em-penhado-na-busca-de-um-mundo-com-paz/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lula-propoe-grupo-para-negociar-paz-entre-russia-e-ucrania/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lula-propoe-grupo-para-negociar-paz-entre-russia-e-ucrania/>

[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/02/23/interna\\_internacional,1461018/russia-a-valia-proposta-de-paz-feita-por-lula-para-guerra-da-ucrania.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/02/23/interna_internacional,1461018/russia-a-valia-proposta-de-paz-feita-por-lula-para-guerra-da-ucrania.shtml)

<https://www.dw.com/pt-br/moscou-avalia-iniciativa-de-lula-pela-paz-na-ucrania/a-64804117>

<https://revistaforum.com.br/global/2023/2/18/ucni-a-sinaliza-que-aceita-proposta-de-lula-para-acabar-com-guerra-131677.html>

<https://www.poder360.com.br/governo/lula-conversa-com-zelensky-e-reafirma-interesse-pela-paz/>

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/03/clima-esquenta-no-g20-e-brasil-nao-avanca-com-dialogo-para-fim-da-guerra-na-ucrania.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/decisao-da-guerra-foi-tomada-por-dois-paises-diz-lula-sobre-conflito-na-ucrania/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lula-nega-ter-igualado-responsabilidades-mas-diz-que-nem-russia-e-nem-ucrania-querem-parar-a-guerra/>

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/05/tentativa-frustrada-de-obter-protagonismo-na-paz-na-ucrania-ofusca-conquistas-de-lula-no-externor.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/a-decepcao-foi-de-lula-diz-zelensky-sobre-encontro-nao-realizado-no-g7/>

<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/14/ucrania-convida-brasil-para-cupula-da-paz>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/06/lula-quer-ser-original-mas-precisa-responder-a-questoes-antes-diz-zelenski-a-folha.shtml>

<https://www.jn.pt/3237171624/zelensky-diz-que-quer-ir-ao-brasil-e-que-lula-pode-ajudar-no-processo-de-paz/>

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/08/07/as-declaracoes-de-lula-nao-trazem-paz-alguma-diz-presidente-da-ucrania-sobre-guerra-contrarussia.ghtml>

## - “Relações do Brasil-Europa: acordo Mercosul-UE”

Links acessados em 24 ago. 2023.

<https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?locations=EU>

<https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/October/weo-report?c=213,223,288,298,&s=NGDPD,&sy=2020&ey=2027&ssm=0&scsm=1&sc=0&ssd=1&ssc=0&sic=0&sort=country&ds=.&br=1>

[https://www.iri.edu.ar/revistas/revista\\_dvd/revistas/R18/ri18-dunion%20europea%20mercosur.pdf](https://www.iri.edu.ar/revistas/revista_dvd/revistas/R18/ri18-dunion%20europea%20mercosur.pdf)

<http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,proposto-em-1995-acordo-mercosul-e-uniao-europeia-e-fechado-com-10-anos-de-atraso,70002894011,0.htm>

<https://www.ultimahora.com/mercosur-y-ue-no-cierran-acuerdo-asuncion-y-seguiran-conversaciones-n1136205>

<https://g1.globo.com/politica/noticia/temer-diz-que-acordo-entre-mercosul-e-uniao-europeia-sera-fechado-em-definitivo.ghtml>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/mercosul-e-uniao-europeia-fecham-acordo-de-livre-comercio>

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/23/franca-se-opoe-a-acordo-mercosul-ue-presidente-acusa-bolsonaro-de-mentir-sobre-clima.ghtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48845254>

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/07/01/agricultores-europeus-criticam-o-acordo-entre-mercosul-e-uniao-europeia.ghtml>

<https://www.dw.com/pt-br/resist%C3%ancia-a-acordo-com-mercosul-cresce-na-uni%C3%A3o-europeia/a-53980904>

<https://www.dw.com/pt-br/com-lula-europa-espera-que-acordo-ue-mercosul-avance/a-63609573>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-06/acordo-mercosul-uniao-europeia-nao-foi-assinado-sem-ajuste-diz-lula>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-06/acordo-mercosul-ue-inibe-industria-brasileira-alertam-especialistas>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-06/acordo-mercosul-ue-inibe-industria-brasileira-alertam-especialistas#>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-06/inaceitavel-diz-lula-sobre-proposta-da-ue-para-acordo-com-mercosul>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lula-diz-querer-acordo-com-a-ue-mas-afirma-que-cartao-mercosul-faz-ameaca-a-parceiro-estrategico/>

<https://www.gov.br/siscomex/pt-br/acordos-comerciais/mercosul-uniao-europeia>

[https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/qanda\\_19\\_3375](https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/qanda_19_3375)

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-07/acordo-entre-ue-e-mercosul-pode-sair-em-2023-diz-presidente-lula>

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/acordo-mercosul-ue-perde-forca-apesar-de-ida-de-lula-a-belgica-dizem-fontes-do-governo/>

[https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Mercosur-EU\\_-\\_international\\_trade\\_in\\_goods\\_statistics&oldid=581432](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Mercosur-EU_-_international_trade_in_goods_statistics&oldid=581432)

## - “A volta do Presidencialismo de Coalizão com Lula III”

Links acessados em 30 ago. 2023.

<https://www.olb.org.br/a-retomada-do-governo-de-coalizacao-em-um-novo-governo-lula/>

<https://www.camara.leg.br/deputados/bancada-atual>

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/06/uniao-brasil-foi-menos-fiel-ao-governo-que-partidos-fora-da-base-como-pp-e-republicanos-veja-ranking.ghtml>

## Seção RI além das RI

Links acessados em 31 ago. 2023.

[https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/Republic\\_of\\_Gilead\\_\(Series\)#Foreign\\_Relations](https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/Republic_of_Gilead_(Series)#Foreign_Relations)

[https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/g75sbd/no\\_spoilers\\_when\\_did\\_the\\_rest\\_of\\_the\\_world/](https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/g75sbd/no_spoilers_when_did_the_rest_of_the_world/)

<https://news.un.org/en/story/2020/12/1079082>

[https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/xypct6/foreign\\_relations/](https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/xypct6/foreign_relations/)

[https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/Republic\\_of\\_Gilead\\_\(Series\)](https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/Republic_of_Gilead_(Series))

<https://www.quora.com/In-The-Handmaids-Tale-why-hasnt-the-U-N-or-the-E-U-done-anything-about-Gilead>

[https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/69whww/political\\_geographyforeign\\_relations\\_in\\_gilead/](https://www.reddit.com/r/TheHandmaidsTale/comments/69whww/political_geographyforeign_relations_in_gilead/)

<https://the-handmaids-tale.fandom.com/wiki/Infertility>

## Seção bizarri

Links acessados em 01 set. 2023.

<https://headtopics.com/br/suecia-quer-mudar-lei-de-1956-que-exige-permiss-o-para-dancar-37705857>

<https://www.thelocal.se/20230310/swedens-government-finalises-bill-to-end-ban-on-spontaneous-dancing>

<https://www.altoastral.com.br/famosos/conheca-manias-rei-charles-iii-monarca-reino-unido.phtml>

<https://www.en-vols.com/en/inspirations-en/culture-en/charles-iii-travel-strange-habits/>

<https://www.nbcnews.com/news/world/warner-bros-defends-barbie-banned-vietnam-south-china-sea-map-rcna93013>

<https://www.forbes.com/sites/roberthart/2023/07/07/warner-bros-defends-child-like-map-that-got-barbie-banned-in-vietnam/?sh=21e74f9437bd>